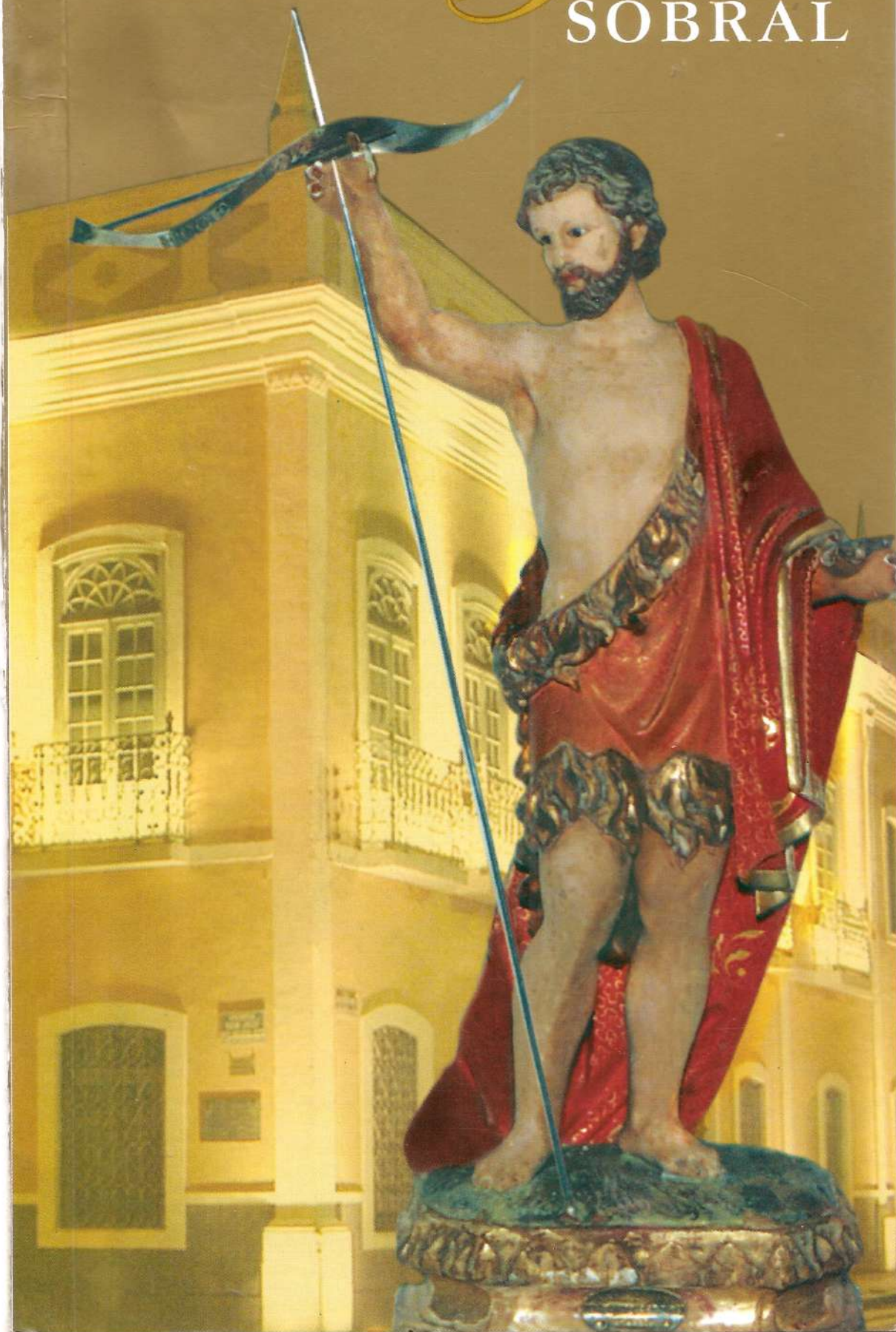


MUSEU

Dom José

SOBRAL



MUSEU

Dom José
SOBRAL



MUSEU DOM JOSÉ

Diretora

Glória Giovana S. Mont'Alverne Girão

Vice-Diretora

Maria Hilce Girão Capote

Diocese de Sobral

Dom Antônio Fernando Saburido

Instituição Mantenedora

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Reitor

Antônio Colaço Martins

Projeto, Coordenação Editorial e Textos

Glória Giovana S. Mont'Alverne Girão

Fotografias

Wellington Macêdo

Marcelo Teixeira

Wilson Neto

Exedito Mistral

A. Capibaribe Neto

Arte e Impressão

Sobral Gráfica Ltda.

Tiragem

1.000 exemplares

Capa

Papel LD couchê brilho 230g

Miolo

Papel LD couchê brilho 150g

Acabamento

Brochura

Patrocínio

Prefeitura Municipal de Sobral

José Leônidas de Menezes Cristino - Prefeito Municipal

Secretaria da Cultura e Turismo de Sobral

José Antenor Viana Coelho - Secretário

Museu Dom José. Sobral, Ed. Sobral Gráfica Ltda., Org.: Saboya, Giovana - 2007.

124 p. IL:color.

I - Museu Dom José - Catálogo. 1 - Arte Sacra e Decorativa. 2 - Coleções Científicas. 3 - História. II - Saboya, Giovana.

ISBN 978-85-60474-07-3

CDD 708

Sobral - Ceará - Brasil

Ano: 2007

ISBN 978-85-60474-07-3



9 788560 474073



SUMÁRIO

Apresentação.....	03
Histórico	04
Agradecimentos	07
Plantas - Pavimentos Térreo e Superior	08
Coleções	
Imaginária	13
Indumentária	25
Mobiliário	31
Ourivesaria	45
Cristal	53
Porcelana	57
Adereço e Acessório	65
Pintura	71
Fotografia	77
Armaria	83
Etnologia	89
Arqueologia	93
Paleontologia	97
Numismática	101
Atividades Educativas	105
Legendas	107
Bibliografia	122

“Num país em que pouco se atenta para sua História e para sua Cultura, foi, para mim, uma espécie de “encantamento” (a palavra é essa) que se apossou de mim diante daquilo que se preservou em Sobral e neste Museu Dom José, em particular, levando-se em conta não somente a Cultura da herança ibérica, mas também a negra e a indígena, com referência, inclusive, àquela “civilização do couro” da qual falava o cearense Capistrano de Abreu e que me é tão cara, por ser o fundamento do meu trabalho de escritor.”

Sobral, 18 de março de 2006

Ariano Suassuna

“Que especial e raro prazer percorrer as salas e corredores desta casa de memórias tão singela e própria. Levo comigo a impressão de um presépio, dentro de outro maior que é Sobral.”

Sobral, 30 de dezembro de 2004

Gilberto Gil

AGRADECIMENTOS

Este catálogo é o produto de muitas mãos, a quem agradecemos a valiosa colaboração.

Nosso agradecimento se estende ao então Prefeito de Sobral (1996-2004), Dr. Cid Ferreira Gomes, hoje Governador do Estado do Ceará, que compreendeu a importância desta publicação e autorizou a sua produção, tendo no Secretário de Cultura e Turismo, Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho Neto, um constante incentivador.

À Prefeitura de Sobral, através do Prefeito Dr. José Leônidas de Menezes Cristino, e ao Secretário de Cultura e Turismo de Sobral, Dr. Antenor Viana Coelho, pelo apoio dispensado.

Expressamos aqui o nosso reconhecido agradecimento ao Ex-Reitor da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Professor José Teodoro Soares, e à Professora Norma Maia Soares, pelo estímulo e viabilização de projetos museográficos, educativos e de inclusão social, que promoveram e divulgaram o Museu Dom José, colocando-o como referência entre os museus do Ceará e do Nordeste do Brasil.

À Diocese de Sobral, representada por Dom Antônio Fernando Saburido, pela confiança em nós depositada.

Ao atual Reitor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, instituição mantenedora do MDJ, Professor Antônio Colaço Martins, pelo incentivo às ações culturais da comunidade acadêmica da UVA.

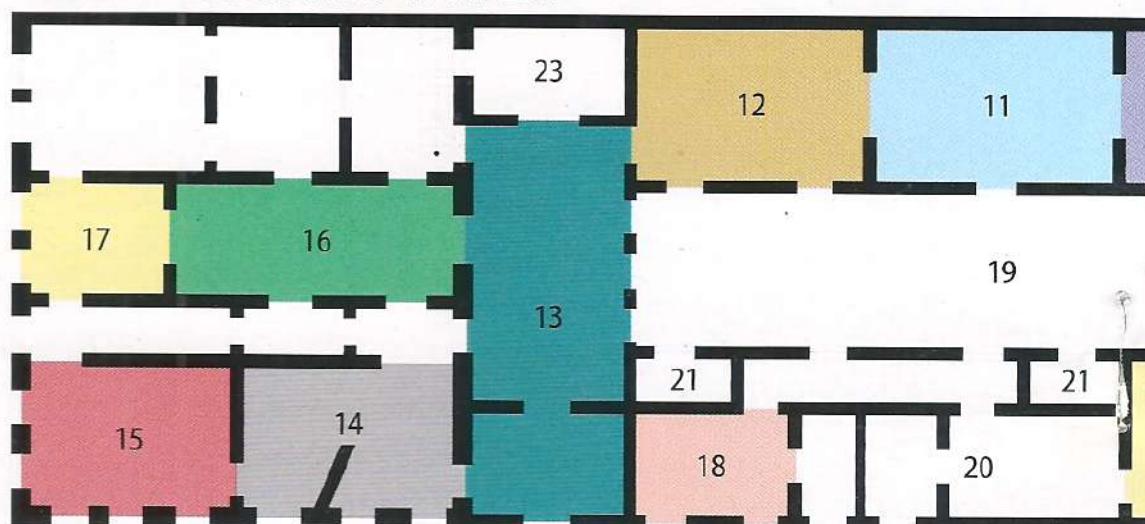
De forma especial, agradecemos à equipe do Museu Dom José, que colaborou com atenção e competência para a concepção deste catálogo, especialmente à Professora Maria Hilce Girão Capote, pelo compromisso profissional constante. Às estagiárias Tatyana Vieira da Silva, Sarah Lira Linhares, Vanda Maria Tiotônio, Juliana Leite e a Rafael Gomes Araújo, somos gratos pela colaboração.

À Professora Maria Somália Sales Viana e equipe de universitários, pela pesquisa e Laboratório de Paleontologia implantado.

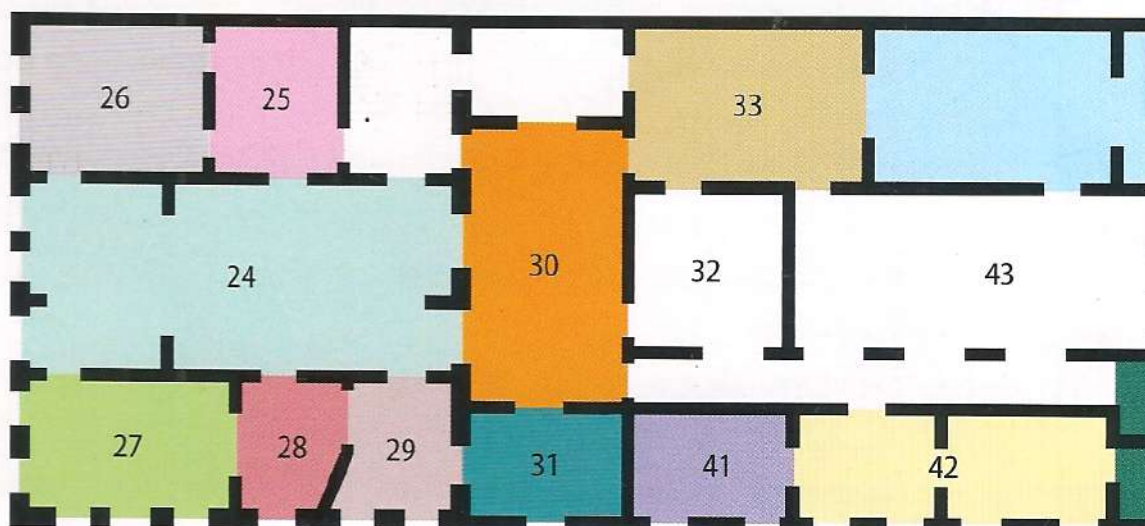
A todos quantos deram a sua contribuição, direta ou indiretamente, para a realização desta publicação, a nossa gratidão.

Estamos diante de um patrimônio amado, construído e preservado por nós, sobralenses. Há, por isso, uma alegria compartilhada.

PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

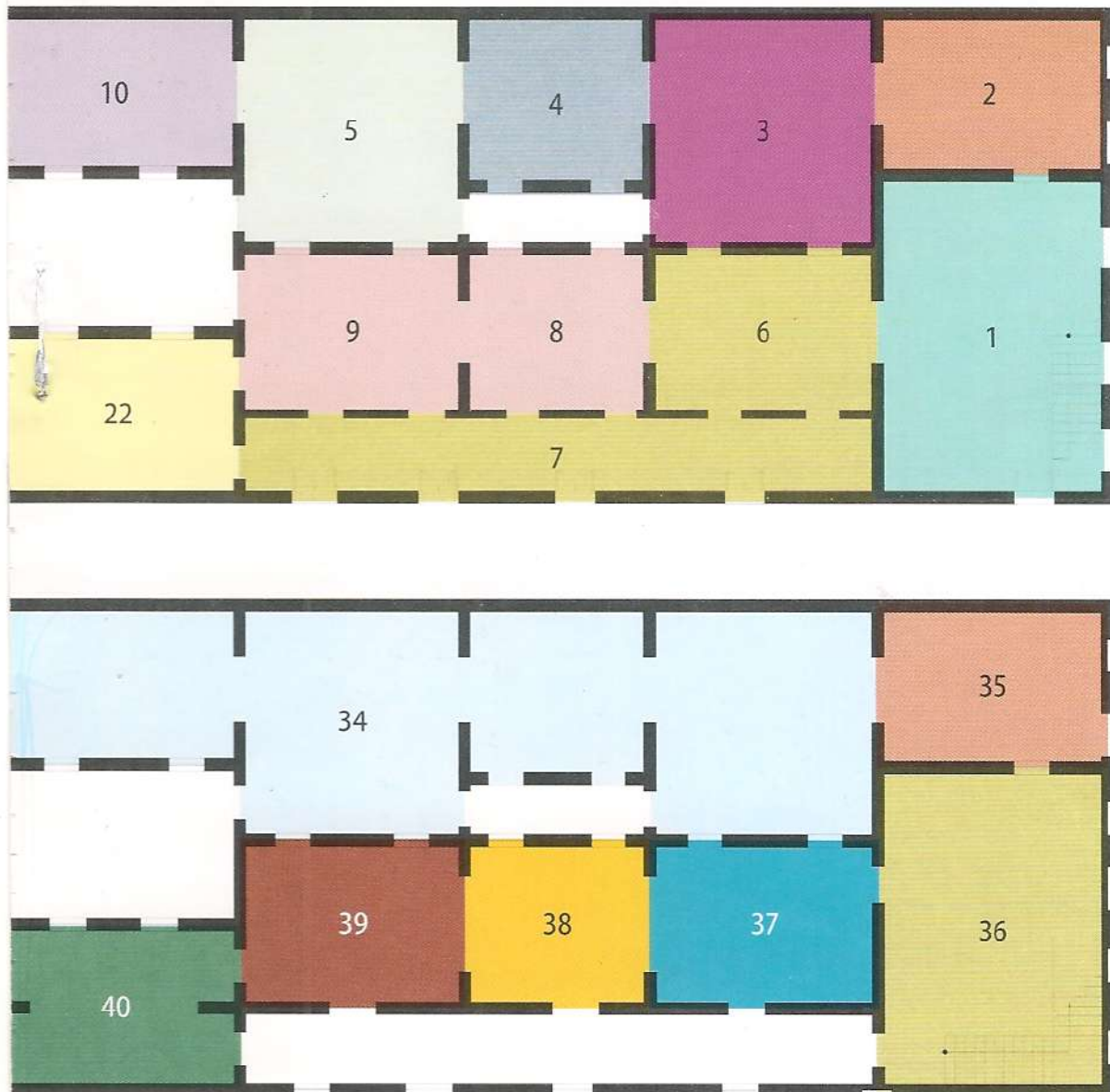


PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------|
| 1 Recepção | 13 Sala da Sé |
| 2 Sala Imaginária I | 14 Sala José Maria Soares |
| 3 Sala Dom José | 15 Sala da Imprensa |
| 4 Sala das Liteiras | 16 Sala dos Padres |
| 5 Ambientação do Séc. XIX | 17 Direção |
| 6 Sala de Paleontologia | 18 Sala Pe. Lira / Biblioteca |
| 7 Laboratório de Paleontologia | 19 Pátio Interno |
| 8 Oficinas Pedagógicas I | 20 Cópia |
| 9 Oficinas Pedagógicas II | 21 W.C. |
| 10 Sala do Ensino Superior - UVA | 22 Reserva Técnica |
| 11 Sala Portuguesa | 23 Área |
| 12 Sala da Medicina | |



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

- | | |
|--|----------------------------------|
| 24 Sala das Armas | 34 Ala das Porcelanas e Cristais |
| 25 Sala das Penteadeiras | 35 Sala Dom Walfrido |
| 26 Sala da Capela | 36 Sala Imaginária II |
| 27 Sala de Visitas de Dom José | 37 Sala Companhia das Índias |
| 28 Sala do Eclipse de 1919 | 38 Sala da Iluminação |
| 29 Sala dos Oratórios | 39 Sala do Couro |
| 30 Sala Bandeira de Melo | 40 Sala Índios |
| 31 Sala de Arte Popular | 41 Sala Pe. Palhano |
| 32 Terraço | 42 Reserva Técnica |
| 33 Sala de Sobral (Exposições temporárias) | 43 Pátio Interno |

APRESENTAÇÃO

O Museu Dom José orgulha-se de apresentar esse Catálogo Geral de seu vasto acervo que o credencia a ser uma referência museológica no Ceará e no Brasil.

A apresentação desse catálogo, com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Sobral, é uma iniciativa de inestimável valor para o conhecimento e divulgação da cultura sobralense.

O acervo que o Museu Dom José possui, honra-nos.

O estudo conjugado de cada uma das peças com a documentação de que este museu é possuidor, já nos permite erguer uma história mais completa do que foi o protagonismo artístico, científico e técnico deste museu, cujo fundador, Dom José Tupinambá da Frota, legou aos sobralenses. Portanto, esse museu é um começo, é um processo em constante construção.

Esta publicação deseja, primeiramente, suprir uma grave carência catalográfica, o que gerava uma escassez de informações sistemáticas sobre o nosso acervo e, em consequência, a dificuldade em registrá-las.

As peças que aqui se mostram foram escolhidas com a finalidade de proporcionar uma visão geral das coleções de arte sacra e decorativa – imaginária, porcelana, cristal, mobiliário, acessório e adereço, pintura, fotografia, armaria e numismática, e ainda, paleontologia, arqueologia e etnologia, com um acervo de aproximadamente 36.000 peças.

O acesso e a partilha dessa instituição cultural é cada vez mais um direito de qualquer cidadão. É justamente essa partilha que cria a identidade, a sua persistência e a responsabilidade da comunidade que o abriga.

A Catalogação e Inventário de seu acervo, em parte realizada pela equipe do museólogo Osvaldo Gouveia e completada pela equipe do próprio Museu, nos assegura a preservação dessa herança cultural, agora disponível ao público interessado.

Cabe a nós, sobralenses, sermos guardiões incansáveis para que esse patrimônio permaneça conservado às futuras gerações.

De nossa parte, constitui-se uma satisfação imensa apresentá-lo, pelo que proporciona aos visitantes e pesquisadores em termos de arte, beleza e conhecimentos históricos, culturais, políticos e sociais, contribuindo expressivamente para a valorização da cultura brasileira.

HISTÓRICO

A História da sociedade sobralense, que floresceu nos áridos sertões do Ceará, já contada em verso, prosa e canção, será compreendida também, através do precioso acervo preservado no Museu Dom José.

O edifício que o abriga reflete a trajetória da cidade de Sobral, que apresenta, em seu espaço urbano, conjuntos arquitetônicos considerados dos mais ricos do Ceará, representados por sobrados, casarões azulejados, praças, igrejas, teatro e casarios, em estilos diversificados. Dentre esses edifícios históricos, destaca-se o sobrado oitocentista, em estilo Império, construído pelo Major João Pedro da Cunha Bandeira de Melo, em 1844, com características luso-brasileiras. Nele está localizado o Museu Dom José, no centro histórico de Sobral, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional.

Comprado pela Diocese de Sobral na década de 1930, ali foi instalado o Palácio Episcopal de Dom José Tupinambá da Frota, onde residiu de 1934 a 1959, quando veio a falecer.

No final do século XIX, Sobral era uma cidade considerada progressista, e culturalmente avançada em relação às demais do interior cearense, com intenso intercâmbio comercial e intelectual com os maiores centros urbanos do Brasil e da Europa. Foi nesse contexto que no início do século XX regressou de Roma a Sobral, sua terra natal, o Pe. José Tupinambá da Frota, tornando-se, em 1916, o primeiro Bispo desta cidade.

Por mais de meio século, Dom José exerceu seu profícuo apostolado, dotando a cidade de instituições educacionais, culturais, sociais e religiosas, que impulsionaram decisivamente o seu desenvolvimento. Dentre essas instituições destaca-se o Museu Diocesano. Após várias décadas de coleta de peças por doações de famílias sobralenses ou adquiridas nas paróquias da Diocese, compra de acervos em Sobral e outros Estados, Dom José fundou oficialmente o Museu Diocesano de Sobral, a 29 de março de 1951, contando com valioso acervo de 5.000 peças, fruto de uma obstinada valorização da cultura sobralense e sua preservação através dos tempos, às gerações vindouras.

Aberto ao público, após inauguração em 1971, passou a ser denominado Museu Dom José e tornou-se o equipamento cultural mais expressivo dessa região, atraindo visitantes e impulsionando o turismo cultural na cidade, pela diversidade e qualidade de seu

acervo.

Na década de 1980, o Museu viveu longa fase de dificuldades, tendo como resultado um convênio com a Universidade Estadual Vale do Acaraú (1987), para sua manutenção permanente.

Entre os anos de 1990 e 1996, foram feitas reformas estruturais e museológicas para a sua revitalização. A partir de 1996, quando assumimos a Direção, estabeleceu-se uma política de gerenciamento do acervo, expansão de novas alas e projetos voltados para vários segmentos de público.

A sua reabertura, em 24 de março de 1997, marca decisivamente, uma nova fase na sua trajetória, com transformações físicas e conceituais que fizeram o MDJ mais dinâmico, estreitando laços com a sociedade, expandindo suas exposições, tendo o seu acervo inventariado e catalogado pela equipe do museólogo Osvaldo Gouveia (2002), com recursos da SECULT/Prefeitura de Sobral/UVA. Posteriormente, o inventário foi completado e informatizado pela equipe do próprio Museu, com equipamentos adquiridos através da UVA e seus Institutos, na gestão do Reitor José Teodoro Soares.

Doações significativas foram registradas nos últimos anos (1997-2007) no MDJ, inclusive de coleções completas, como o acervo do comunicador sobralense José Maria Soares (discos de cera, fotografias, fitas de áudio, livros, álbuns, etc), totalizando 8.030 peças de audiovisual. Outra importante coleção documental e bibliográfica adquirida pertenceu ao Pe. João Mendes Lira, historiador sobralense, doado por sua família em 2006.

Com o maior tombo artístico e histórico do Ceará, o MDJ é considerado o 5º do Brasil em Arte Sacra e Arte Decorativa. Possui um acervo com mais de 30.000 peças entre objetos, imagens, documentação textual e bibliográfica, distribuídas em 16 variadas coleções representativas da cultura regional, datadas do século XVII, XVIII, XIX e XX.

Essa instituição museológica, pertence à Diocese de Sobral e continua tendo como instituição mantenedora a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), recebendo permanente apoio da Prefeitura Municipal de Sobral para o seu funcionamento.

O MDJ é parte integrante do Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM-CE), representando a região Ibiapaba/Vale do Acaraú.

A integração do MDJ com a UVA, confere-lhe marcante personalidade como extensão cultural. O fato de ser espaço de ensino, pesquisa e extensão, contribui para a formação de

quadros nas diferentes áreas de atuação científica, educativa e museológica, distribuídas em duas vertentes: a Divisão Cultural, que envolve atividades de exposições e ações educativas, oficinas pedagógicas e programas de extensão às comunidades vizinhas, e a Divisão Científica, que inclui o Laboratório de Paleontologia com programas de difusão científica, coleta e catalogação de fósseis, biblioteca especializada em Museologia e História Local, com valiosa documentação textual, atividades de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento.

O Museu mantém intensa atividade na área cultural, com exposições permanentes e temporárias, salas temáticas, projetos Museu-Itinerante e Museu Escola, intercâmbio de exposições com outras instituições culturais, com iniciativas pioneiras junto a grupos infanto-juvenis, recebendo grande número de turistas e, especialmente, estudantes em todos os níveis de ensino.

Enfim, como um centro de pesquisa, documentação e atuação educativa, o MDJ insere-se no grupo dos museus modernos, levando às gerações contemporâneas uma proposta nova, considerando que a cultura, por sua diversidade, pode e deve ser concebida como um processo de reinvenção permanente.

História Local e Museu Dom José são faces de uma mesma moeda: a memória coletiva de uma sociedade que respeita e preserva o seu passado.





IMAGINÁRIA
ARTE SACRA

Coleção Imaginária

Nos séculos XVI e XVII, no Brasil, as imagens sacras apresentavam como função básica a materialização da fé naquele objeto de devoção. No século XVIII, a riqueza trazida pela descoberta do ouro fez surgir novos sentidos às representações dos santos, enquanto objetos de ostentação e poder.

Em meados do século XVI, chegam ao Brasil os primeiros artistas e artesãos de procedência européia. São barreiros e talhadeiros, santeiros e prateiros, arquitetos, mestres-de-obras, pedreiros, carpinteiros e marceneiros que, acompanhando o avanço da catequese e da colonização, constroem e adornam as capelas e igrejas do litoral e dos sertões.

Nos séculos XVI e XVII, a imaginária brasileira, em especial a paulista, é caracterizada pelas imagens de barro cozido. O anonimato é predominante na produção colonial, com exceção daquela de origem beneditina.

Ao lado dos artistas eruditos pertencentes a instituições religiosas, surgem os artistas populares que dão interpretação própria aos modelos clássicos. Durante os séculos XVIII e meados do XIX, artistas brasileiros despontam em várias províncias. Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro passam a ostentar uma arquitetura e arte religiosa suntuosas. É o apogeu do barroco no Brasil.

A utilização da policromia, comum nas obras de barro cozido do século XVII, manteve-se nas obras de madeira do século XVIII, porém, mais sofisticada com a técnica do douramento com ouro em pó.

A Coleção de Imaginária do Museu Dom José é uma das maiores do Brasil, com um acervo de 340 peças, todas artisticamente trabalhadas e com uma rica variação em invocações. Algumas apresentam características da Escola Pernambucana.

Datadas do século XVII, XVIII, XIX e XX, retratam a riqueza do barroco. Observam-se características do século XIX, onde a volumetria e a movimentação em suas vestes são evidentes. Imagens do século XIX, com postura clássica, movimentação barroca no panejamento, podem ter sido esculpidas por artistas eruditos.

Destacam-se na coleção, a imagem de Nossa Senhora da Assunção, procedente de Viçosa (Ceará), em barro cozido do século XVII, tendo movimentação volumosa e uma certa expressão indígena no rosto da virgem, que reflete a influência dos modelos hispano-americanos, trazidos das missões jesuíticas do Paraguai e Argentina.

A Coleção de Crucifixos possui 51 peças. Entre eles, destaca-se o Conjunto Calvário, formado pelo Cristo Crucificado e as imagens de Nossa Senhora e São João Evangelista nas laterais. E ainda os crucifixos com Cristo em marfim, de origem indo-portuguesa, do século XVIII. Com o expressivo valor artístico da coleção, estão os Crucifixos em madeira revestidos de madrepérola do século XVIII, de origem portuguesa.

Peças de fatura popular do século XIX, encontram-se no referido acervo, fazendo-nos supor que existiam na região, santeiros com características próprias.





5



6



7





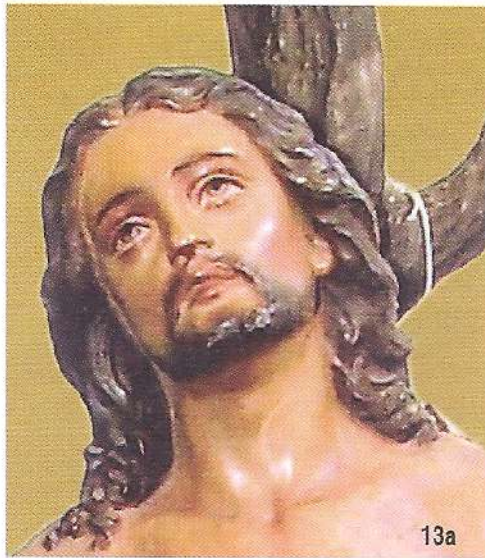
11



11a



12



13a



13



14



14a







20



20a



21a



21



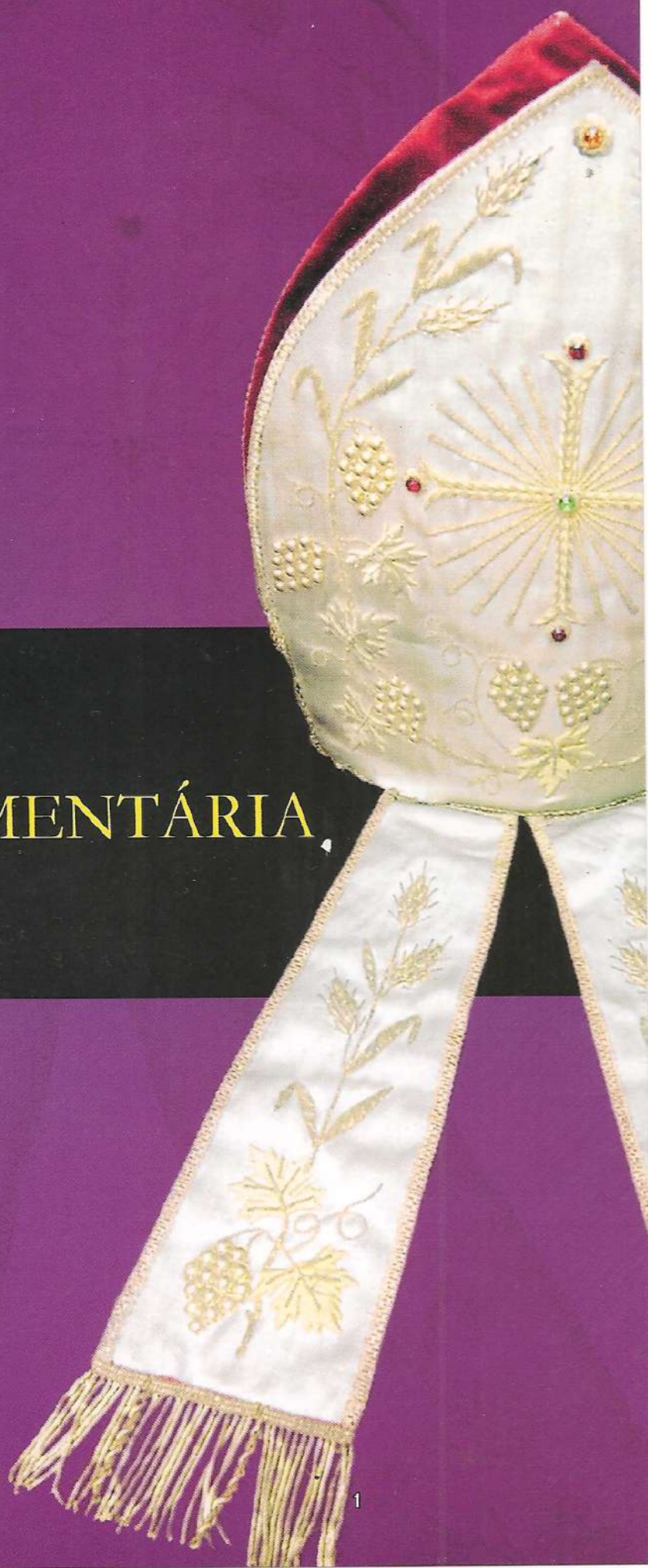


23



24

INDUMENTÁRIA



Coleção Indumentária

A indumentária do Clero se caracteriza por uma simbologia representativa das cerimônias e rituais que expressam as virtudes e o poder atribuídos à Igreja Católica.

A coleção de indumentárias do Museu Dom José se constitui de 151 peças, na maioria, pertencentes a Dom José Tupinambá da Frota. Contamos também com peças que pertenceram ao Padre José Palhano de Saboya e a Dom Walfrido Teixeira Vieira, terceiro Bispo de Sobral, e outras de procedência não identificadas.

Através dessas indumentárias religiosas, podemos perceber o luxo e o refinamento dos paramentos do clero, com riqueza de detalhes que representam cerimônias e até definem cargos. São Casulas, Mitras, Capa Magna, Capa de Asperge, Manípulos, Luvas, Alvas, Véu Umeral, Sapatos, Chapéus, dentre outras que compõem a coleção.

A Capa Magna e Almuce é uma veste exclusiva de Bispos e Cardeais. A Capa Magna tem uma longa cauda e o Almuce é uma capa usada sobre os ombros, uma face forrada com peles para o inverno e outra face forrada com seda para o verão. Simboliza a dignidade episcopal. O Almuce deu origem a Murça, usada até hoje pelos Reitores das Universidades.

A Mitra surgiu no Séc. IX, simples e de uso ocasional pelo Papa. O uso da Mitra é reservado aos Bispos e Cardeais e, por privilégio, aos Abades, dentro de certos limites. No Museu temos Mitras chamadas de Mitras Preciosas, com fundo em ouro e prata, ornadas com bordados e pedrarias.

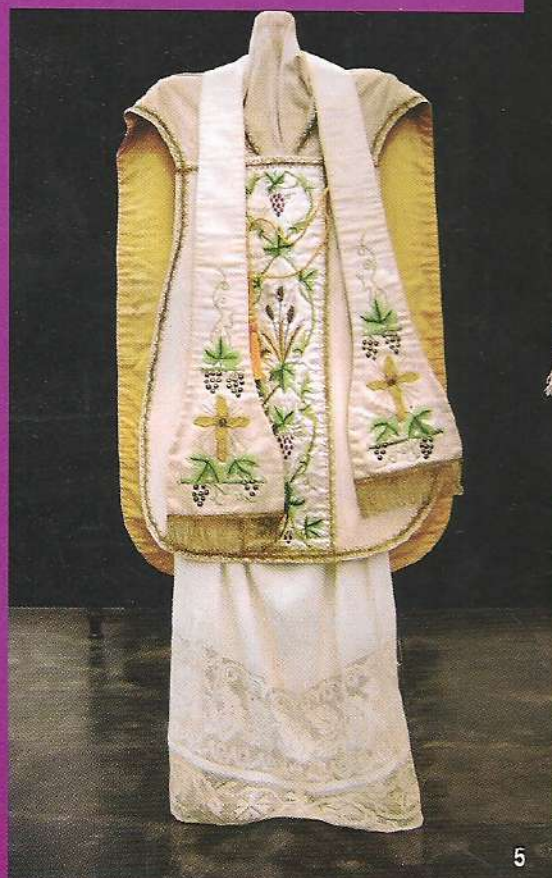
O Véu Umeral é um manto de seda com comprimento de 2 metros, usado pelos sacerdotes nas bênçãos do Santíssimo Sacramento.

A Alva se originou da túnica romana e de uma certa forma de túnicas usadas pelos povos da Antigüidade com algumas variantes. A Alva é usada sob a Casula. Simboliza, pelo seu labor e brancura, a justiça e a inocência conquistadas mediante as atribuições padecidas em união com Cristo.

O Manípulo teve sua origem de um guardanapo "mappa" ou "mappula", usado pelos gregos e romanos para limpar as mãos e a boca após refeições. Além do uso doméstico, o "mappa" era também uma insígnia do Império Romano, como elemento de decoração da indumentária dos Magistrados, também usado pelo Pretor ou Cônsul para dar o sinal de partida nas corridas de quadrigas. O Manípulo simboliza relembrar as promessas de ordenação, a autoridade e o poder de renovar o sacrifício do Calvário.

A coleção de indumentária religiosa nos comprova a influência das normas da Igreja Romana, utilizadas no clero sobralense, durante o Bispado de Dom José Tupinambá da Frota (1916-1959), principalmente nas funções litúrgicas.









8



9



10



11

MOBILIÁRIO
ARTE SACRA

Coleção Mobiliário

Os padrões estilísticos encontrados no Museu Dom José são muitos e de variados períodos, se estendendo do século XVIII ao século XX.

No Brasil Colônia, a arte da talha, da escultura e da pintura unem-se, revelando uma produção singular de altares, retábulos, sacrários, tocheiros, resplendores e oratórios que compõem o acervo de mobiliário sacro.

A partir do século XVII, são freqüentes os retábulos em madeira entalhada e pintada, realizados por artesãos nativos, interpretações livres dos modelos originários de Portugal destinados, em sua grande maioria, às igrejas mais modestas do interior.

Entre os padrões estilísticos do mobiliário, de forma geral encontrados no Museu Dom José, podemos destacar:

Estilo D. João VI – Desenvolveu-se em fins da segunda década do século XIX. Sendo considerado um estilo tipicamente brasileiro, pela sua talha, o estilo D. João VI possui linhas do neoclássico, estrutura de D. Maria I, e recebeu influência dos estilos Império Francês e Regência.

Estilo Império – O estilo Império desenvolveu-se na França no período de Napoleão I, por volta de 1804, e se estende até depois de 1830, já no período da Restauração. Porém, sua difusão foi por toda a Europa, onde cada região assumia um caráter próprio. Aqui no Brasil, esse estilo abrange o terceiro decênio do século XIX, prolongando-se até a metade do referido século.

Estilo Eclético – O estilo Eclético surgiu na Europa, em meados do século XIX, no período de Napoleão III. Foi um estilo que uniu elementos de diversos períodos, numa só peça, sendo que o que mais contribuiu para o conjunto foi o naturalismo do estilo Biedermeier. No Brasil, o estilo apareceu por volta de 1860, sendo considerado um estilo de decadência, pois surge em função do desaparecimento do móvel artesanal e da criatividade dos artesões. Foi um produto industrializado feito em série.

Estilo Neo-rococó – O estilo neo-rococó surgiu no período em que se obteve uma variedade de móveis, isto em decorrência das influências dos estilos Luiz XV e XVI. No Brasil, as principais influências vieram dos estilos "Luízes" da França e do estilo Vitoriano da Inglaterra, que é o neo-rococó inglês.

Estilo Austríaco – O estilo Austríaco foi desenvolvido por Michael Thonet, por volta de 1830, na Alemanha, com sua primeira experiência nas folhas de madeira compensada curvas. Em 1842, estabelecido em Viena, abriu uma fábrica com móveis de madeira maciça, o pau-rosa. Produziu em série e para exportação. No Brasil, os móveis austríacos tiveram grande aceitação a partir de 1861, pois, além de serem leves, tinham peças acessíveis.

Estilo Pernambucano – Devemos o estilo Pernambucano a Julião Beranger, mestre marceneiro francês, criador de um estilo próprio, regional, onde emprega, na confecção de seus móveis, a flora local. Os móveis desse estilo são baseados na estrutura império e apresentam influência do estilo Biedermeier, que empregava em seus móveis os temas naturalistas.

Estilo Art Déco – Teve seu auge durante o século XX, nas décadas de 20 até meados de 1930, quando os móveis e outros objetos possuíam desenhos geométricos e linhas retas que contrapõem aos antigos estilos. Confeccionados em madeiras nobres, têm como maior destaque a rãdica. Eram móveis como mesinhas laterais, cristaleiras, guéridons, bufês e luminárias com pés de metal.

Estilo Art Nouveau – Movimento que ocorreu entre 1895 e 1914, e que fundiu e sintetizou diversas tendências artísticas, criando uma relação orgânica entre o ornamento e a função do objeto e do espaço. A beleza da forma é produzida através de linhas que nascem umas das outras, em ondulações graduais, baseadas na observação da natureza.

Estilo Popular – Temos ainda móveis do estilo popular, que mostram as influências da região dos artistas através do estilo de produção, destacando-se alguns oratórios, mesas coloniais, cadeiras, estantes, cristaleiras, dentre outras.

Estilo Manuelino – Originado em Portugal, no século XVII, esse estilo é representado em algumas mesas que apresentam pernas torneadas, de forma contínua e não uniforme.





3a



3



4







MOBILIÁRIO
ARTE DECORATIVA















14



15

OURIVESARIA





5a



5



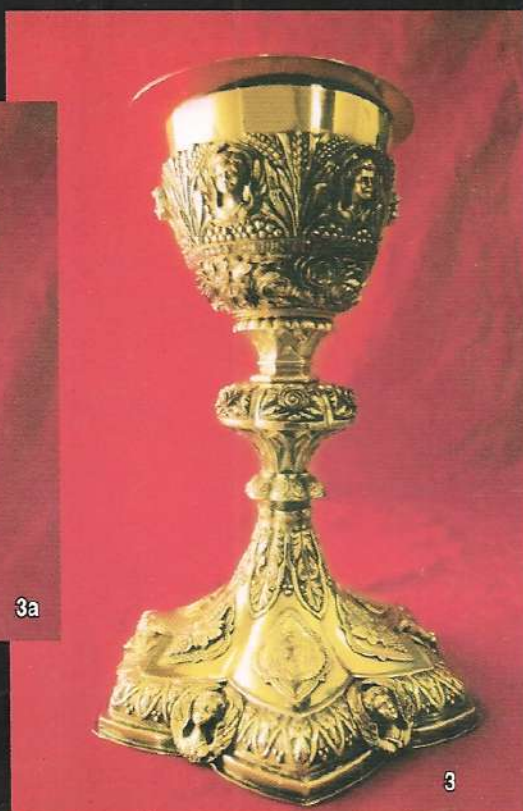
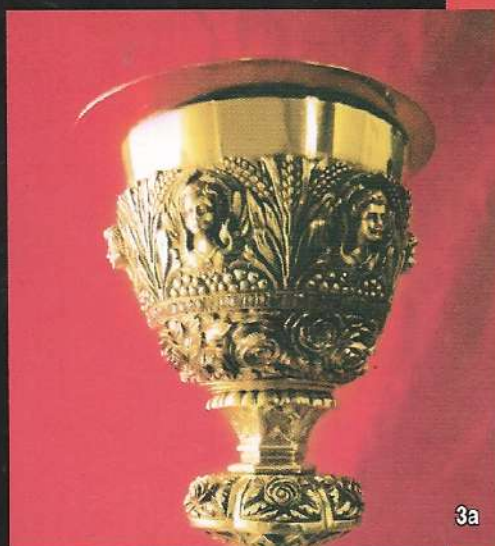
4c

4b



4a

4





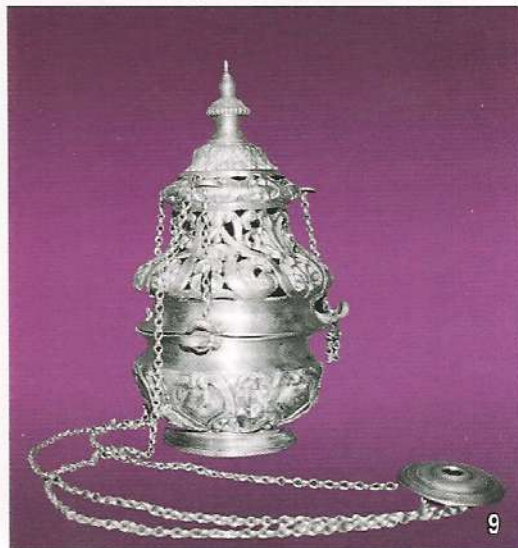
6



7



8



9



10



11

11a

11b



12



13



14



15









PORCELANA

Coleção Porcelana

A porcelana foi criada na China durante a Dinastia Tang (618-906d.C.). Esse intrigante material fascinou todo o mundo. Os primeiros exemplares na Europa parecem ter sido trazidos por Marco Pólo (século XVIII). Segundo Antônio Sapage (SAPAGE, 1995), há uma referência, de 1174, sobre o envio de 40 peças, por Saladino, ao reconquistador da Síria. O mesmo autor cita a presença de porcelana nos inventários dos Duques da Normândia (1363) e de Jean de Berry (1416).

Foi a partir da viagem de Vasco da Gama à Índia (1498) que o comércio realmente se estabeleceu. No século XVII, as Companhias das Índias foram fundadas impulsionando as importações. Um enorme fervor que despertou, impulsionou os esforços para descoberta do segredo da sua fabricação na Europa.

Dois séculos após o início da febre da porcelana, o segredo foi descoberto. Walter Von Tschirnhaus e Johann Friedrich Böttger apresentou o primeiro objeto em "porcelana de verdade". Em aproximadamente 1713, conseguiu-se a produção de porcelana branca. Era o nascimento da porcelana européia pela junção de dois elementos: caulim e o feldspato.

A louça trazida para os mercados do Ocidente pelas Companhias das Índias Ocidentais, a portuguesa, a espanhola, a inglesa, a francesa, a holandesa e a americana, tinha a denominação de "Chinese Export Porcelain", Companhia das Índias, ou "Compagnie des Indes", como dizem os franceses.

A louça conhecida pelo nome de Companhia das Índias, a preciosa porcelana chinesa, ou porcelana oriental, é proveniente do Oriente, considerado o fornecedor de ricas baixelas para as Casas Reinantes e para os titulares brasileiros. Foi uma porcelana fabricada para atender os mercados estrangeiros, através de um intenso comércio mantido até finais do século XVII, quando a Europa passou a lançar seus próprios produtos.

O nome Companhia das Índias deve-se ao fato de ser o seu transporte feito pelas Companhias das Índias Holandesas, Inglesas, e pelos veleiros portugueses que viajavam para o Oriente. No Brasil, seu aparecimento deve ter se dado na segunda metade do século XVIII (as primeiras referências e peças avulsas aparecem nos inventários dessa época), mas o ingresso em larga escala deve ter acontecido com a chegada da família real portuguesa (1808). Talvez seja por isso que haja tão grande número de peças da Companhia das Índias no Brasil, ainda hoje, no mercado, em coleções particulares e em museus.

Historicamente, são observadas modificações na técnica de produção dessas porcelanas. De início, a porcelana da Companhia das Índias não teve um aspecto esmaltado, liso, como a que surgiu posteriormente na Europa. Seu aspecto era de uma pasta grossa, como uma papa de barro; daí ser conhecida pelo nome de "Arroz cozido". Na segunda metade do século XIX, verifica-se o surgimento de uma pasta translúcida para essa louça.

A proporção em que se intensifica o comércio com essa louça européia, diminui o de louça oriental, que chega a quase se extinguir, com a descoberta do caolim (tipo de argila usada em fabricação de porcelana) semelhante ao da China, na Europa.

O registro à respeito do acervo de porcelana do Museu Diocesano Dom José consideram-na como típica louça inglesa de exportação do século XIX, com motivos orientais em azul, tendo sido amplamente usada no Brasil. Externamente, é decorada com motivos orientais, sendo também conhecida como "Louça de Borrão", devido a infiltrações ocasionadas pelos decalques a serem colocados antes da pasta ser cozida.

Segundo pesquisas realizadas neste Museu, algumas marcas são muito freqüentemente encontradas em referência ao Oriente. Mas as marcas SHANGAI e TONQUIM, por exemplo, referem-se ao estilo decorativo e não ao local de fabricação.

São representadas figuras humanas, pagodes, o salgueiro e a ponte que simbolizam, respectivamente, a imortalidade (uma vez que um galho de salgueiro sobrevive, se plantado em local úmido) e o rito de passagem.

Porcelana Macau

Em 1554, os portugueses estabeleceram o comércio com a China, e pelo porto da pequena aldeia de pescadores de Macau, chamada "cidade prateada", devido à quantidade deste metal usado na comercialização – eram embarcadas milhares de peças de porcelana. Assim surgiu, no final do século XVIII, a porcelana conhecida no Brasil como Macau, considerada, na época, de baixa qualidade, destinada ao serviço diário. A porcelana Macau, subtipo do Estilo Azul e Branco, caracteriza-se pela decoração típica de paisagens à beira d'água, montanhas ou florestas, com embarcações e pagodes chineses.

No Museu Dom José são encontradas várias peças da referida porcelana, que compõem a coleção chamada Companhia das Índias. Além dessas, encontramos biscuit e porcelanas de variadas marcas como: Davenport, W. Adams, Ironstone (Inglaterra), Limogés, Berthussier & Cie (França), Porcelaine Quality S. H. & Sons (Inglaterra), Persian Views, da Pérsia Irã, hoje Irã, Faiança de Caldas da Rainha, Vista Alegre e Sacavém (Portugal).



2a



2b



2c



2d



2e



2f





CRISTAL

Coleção Cristal

A técnica de talhar o vidro é conhecida desde o tempo dos romanos e foi eclipsada, durante séculos, pela exploração das propriedades plástica do vidro. Os vidreiros irlandeses foram os responsáveis por fazer da talha o auge da moda, desde finais do século XVIII e meados do século XIX.

Diferente das outras artes decorativas, nem sempre é possível definir um estilo para a arte da vidraçaria. A decoração do vidro e do cristal está mais para a técnica – gravação, talha, esmalte – que para um estilo propriamente dito, seja na estrutura, seja nos ornamentos.

A proliferação do vidro no lar começou no século XVIII e continuou, rapidamente, durante o século seguinte. Uma casa bem equipada deveria possuir uma grande variedade de artigos de vidro, tais como copos, taças, jarros, pratos, cálices, conjunto para lavatório, jarras, frascos de perfume, porta-jóias. Nesse vidro de boa qualidade, eram utilizadas muitas técnicas decorativas, incluindo a talha, os desenhos a ácido, a gravação e o esmalte.

A certa facilidade que temos com as marcas que são feitas na maioria das peças de porcelana, indícios preciosos para a sua classificação, não encontramos no vidro ou cristal. Quando muito, Baccarat marcou e numerou algumas peças que asseguram autenticidade. O simples fato da ausência da marca do fabricante na peça faz com que seja praticamente impossível determinar sua época e dados importantes para a documentação do objeto.

A opalina surgiu na França em 1840, na fábrica de Baccarat, devido a um erro de fábrica, que ao preparar uma mistura de areia para o fabrico de uma massa de cristal, resultou num precipitado diferente, nebuloso, com um colorido e decomposição de cor. No período romântico, são encontrados os mais diversos objetos de opalina decorativos e utilitários: lustre, castiçais, mangas, caixas, copos, jarros, vasos, saboneteiras, dentre outros.

Foi a Inglaterra que, democraticamente, confeccionando objetos baratos, tornou popular o uso do vidro, que era privilégio dos ricos.

No acervo da coleção de cristal do Museu Dom José, podemos encontrar peças no estilo Mary Gregory, que nasceu na Providence, Rhode Islane, tendo como marca típica de seu trabalho o esmalte branco, conseguindo os tons com poucas ou várias camadas de material. Pintou em vidros de várias cores e origens, e seu tema predileto foi retratar crianças. Além disso, pintou pássaros – sempre em vôo – e barcos, com influência da desenhista infantil Kate Greenaway.

No Museu Dom José, encontramos ainda, peças de cristal da Bohêmia (Tcheco Eslováquia), de Murano (Veneza), nas cores azul, vermelho cereja e dourado, de Baccarat (França), e peças em opalina, nas cores branca, verde, rosa e azul.









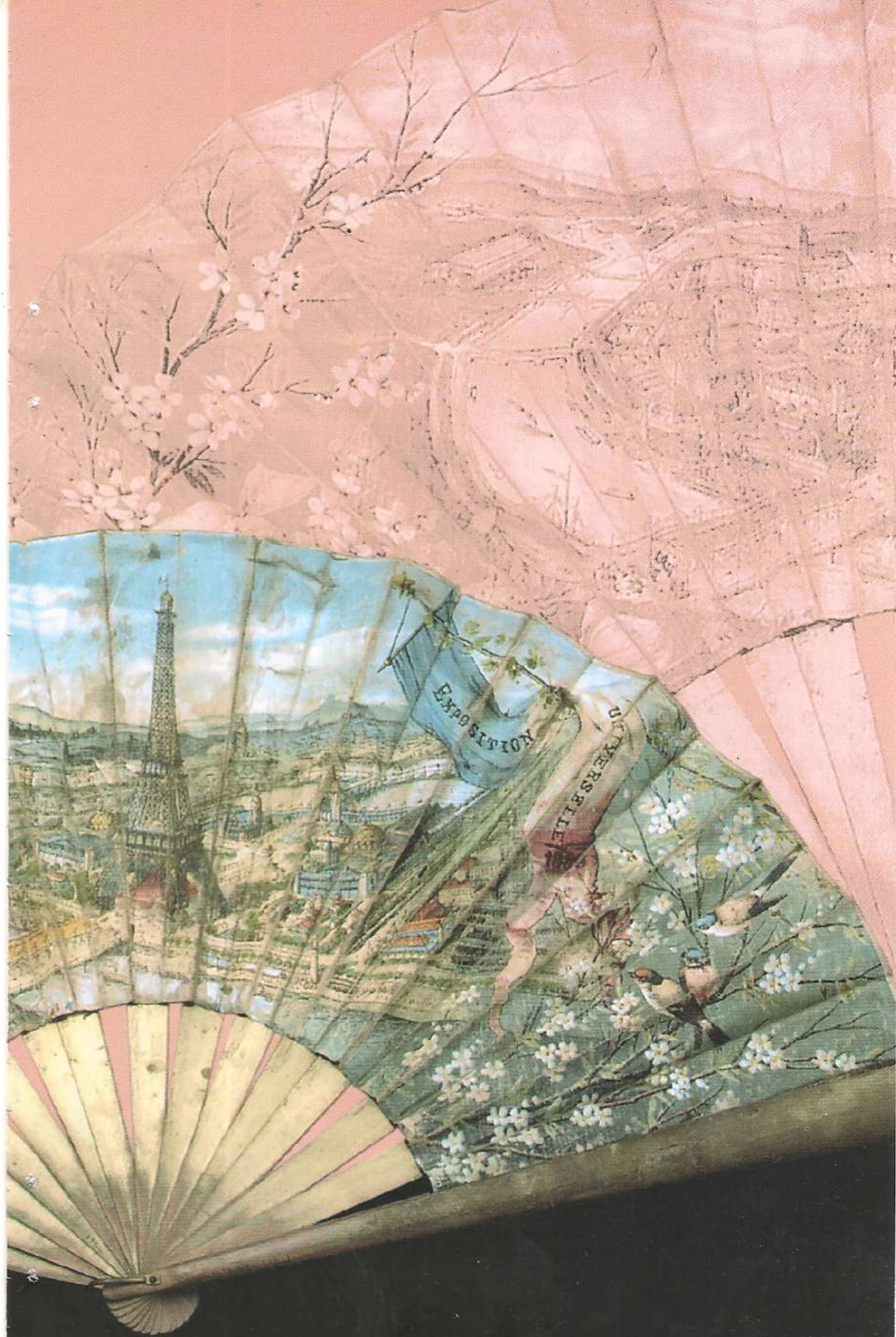
10a



14







ADEREÇO
E ACESSÓRIO

Leques

Originário da China, daí passado ao Japão, onde era usado por ambos os sexos. Sabe-se que o leque já era também conhecido no Egito Antigo e na Assíria, conforme atestam pinturas murais.

No Mundo Ocidental, foi utilizado apenas pelas mulheres e passou a ser valorizado na França do século XVI, quando Henrique II incentivou a produção de peças artísticas contratando pintores e douradores para a sua manufatura. No século XVII, materiais mais nobres passaram a ser utilizados: metais preciosos, pedras, pérolas, marfim. No século XVIII, os grandes pintores, como Lancet, Fragonnard e Boucher, trabalharam na decoração dos panos dos leques.

A Igreja Cristã primitiva, em suas cerimônias litúrgicas, adotou o uso de leques ou flabella de pena de pavão, ave simbólica, considerada pela igreja como imagem da humildade.

Pano ou folha fazem a parte decorativa do leque, ornamentada com pinturas, bordados, rendas, plumas, penas, etc. Os cabos, formados por varetas internas e externas, são em geral confeccionados em madeira, ossos, marfim, tartaruga, galalite e outros materiais plásticos.

A linguagem dos leques, maneira de segurá-los, abri-los, fechá-los, manuseá-los, estava relacionada a um código dirigido aos cavalheiros e que fazia parte da aproximação entre os casais num ambiente público.

No Brasil, somente no século XIX é que se tem conhecimento da venda e comércio de leques. A partir do século XX, os leques deixaram de ser complemento da indumentária para tornarem-se acessórios utilizados nos dias de calor.

A coleção de leques do Museu Dom José consta de 16 exemplares. Destacando-se o leque confeccionado como souvenir da inauguração da Torre Eiffel, em Paris, 1889, outro que pertenceu a Princesa Isabel e alguns que pertenceram a tradicionais famílias sobralenses.

Bengalas

Com o abandono do uso de espadas, utilizadas nos séculos anteriores, a bengala tornou-se, no século XIX, sinônimo de elegância, permanecendo até as primeiras décadas do século XX. A coleção de bengalas do Museu Dom José é composta por 19 peças com detalhes em prata ou prata dourada, tendo pertencido a alguns cidadãos sobralenses.

Pentes

Os pentes do Museu Dom José, quase todos em casco de tartaruga, foram adquiridos do colecionador Oswaldo Soares, em São Luís, Maranhão. Provavelmente, são de manufatura industrial, em decorrência da leveza e composição dos mesmos. Algumas peças trazem elementos decorativos inspirados nos motivos ornamentais do século XIX, utilizado vulgarmente em objetos de adorno; em outras, fica caracterizada a adoção da técnica da fundição com posterior molde, situação comum na produção artística do século XIX. As decorações são várias, mostrando a grande habilidade, técnica e refinamento das incisões e dos motivos ornamentais que temos nessa coleção.

Destacam-se ainda como acessórios, o colar e a pulseira, confeccionados com fios de cabelo humano e metal dourado, doados por família sobralense.



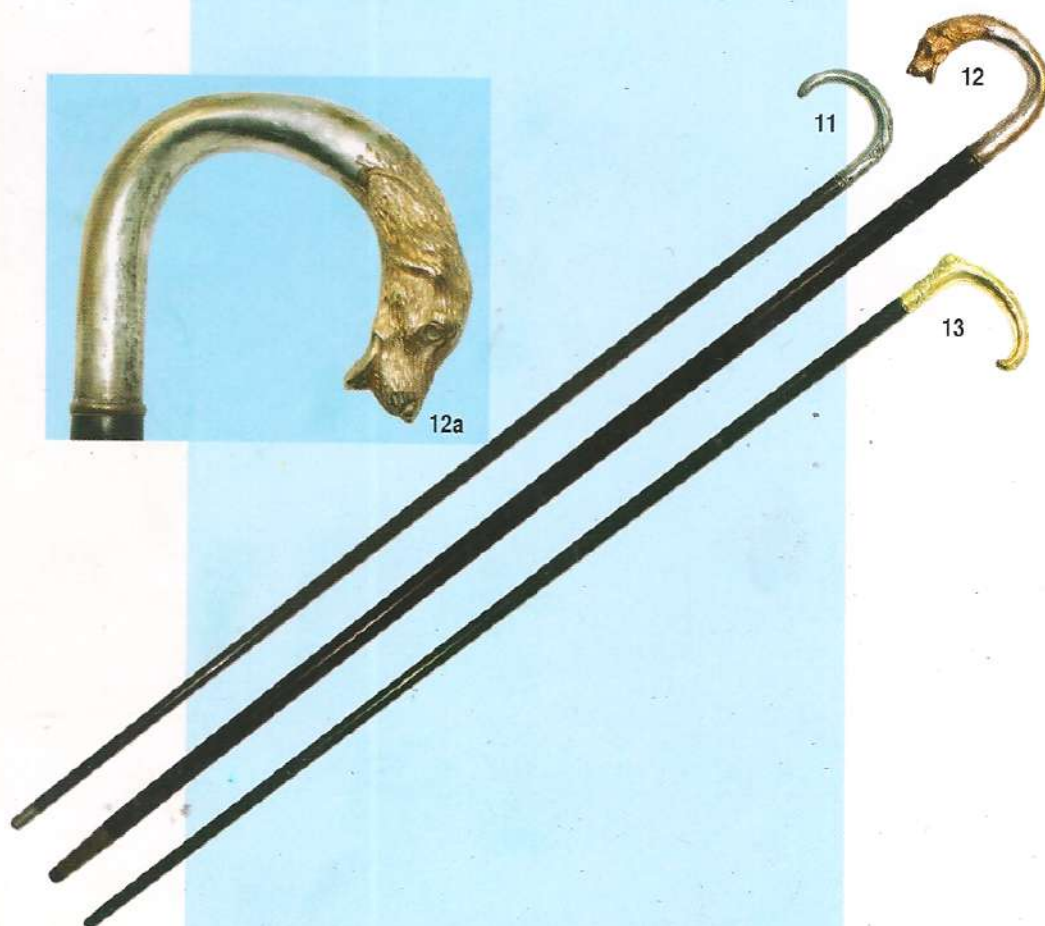




5



6





1

PINTURA

Coleção Pintura

A chegada ao século XIX assinala o progressivo desaparecimento de uma pintura voltada para os temas sacros e alegorias religiosas e, ao mesmo tempo, o único de um processo de modernização artística, caracterizada pela pintura acadêmica, influência da Academia Imperial de Belas Artes, fundada por Dom Pedro II, no Rio de Janeiro.

Com um acervo de 80 telas a óleo, dentre outros tipos de pintura, dos séculos XIX e XX, de pintores europeus e brasileiros, alguns sobralenses, o Museu Dom José possui raridades como as telas do pintor Johann Bindseil, alemão que atuou no Ceará, no século XIX.

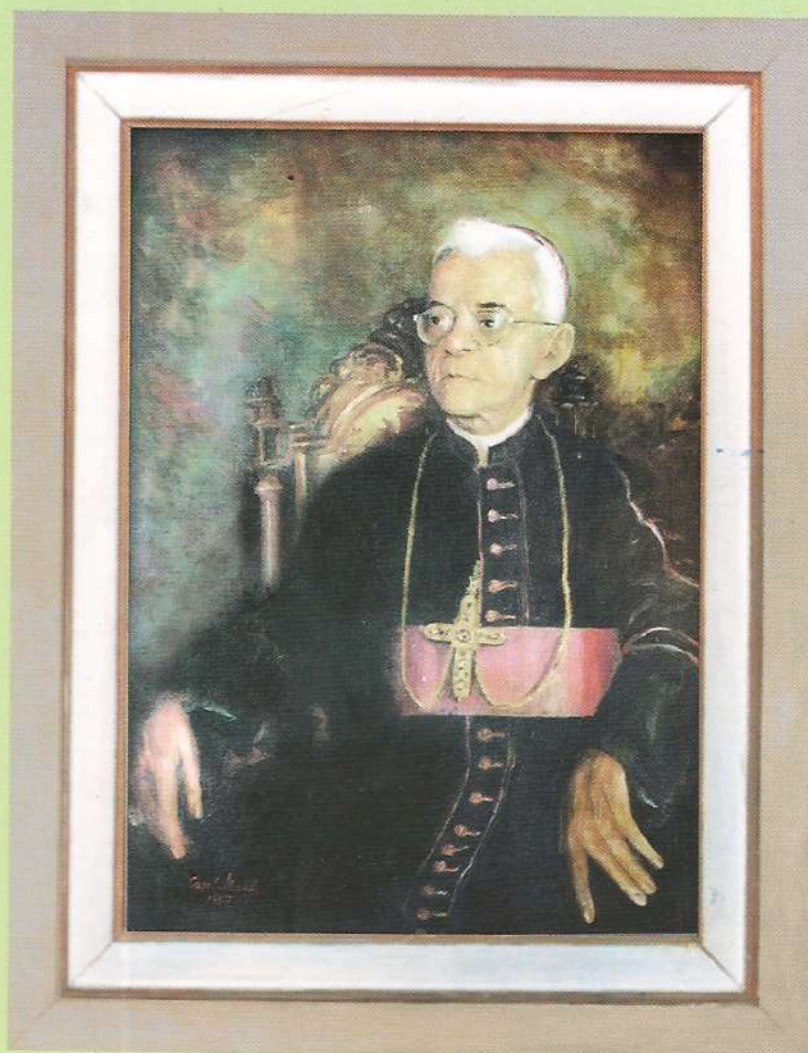
Brindseil foi professor de desenho do Liceu do Ceará, de 1858 a 1869. Segundo o Barão de Studart, na obra *Estrangeiros no Ceará*, informa: "Várias famílias de Fortaleza possuem retratos pintados por Brindseil. Foi ele quem pintou o quadro da Ceia Larga, que existe na Capela do Sacramento, na Catedral de Fortaleza, e o da Assunção da Virgem, sobre o altar-mor, substituído pelo atual, mandado vir da Europa pelo Bispo D. Joaquim José Vieira".

Na coleção de pintura do MDJ, destacam-se as telas do casal Mark, húngaros, autores do painel do altar-mor da Igreja de São Francisco e, a convite de Dom José, deixaram registrados a Lagoa da Fazenda de Sobral e o próprio Dom José, em telas pintadas em 1957.

Registra-se a pintura de A. Novines, Lisboa - 1825, retratando o Senador Vicente Alves de Paula Pessoa, e outras de excelente qualidade técnica, sem assinaturas.

Do sobralense Pedro Frutuoso do Vale (século XX) existe uma coleção de telas a óleo mostrando paisagens do Ceará, assim como telas de Antonio Frutuoso, seu filho, retratando os fundadores do Ensino Superior em Sobral.

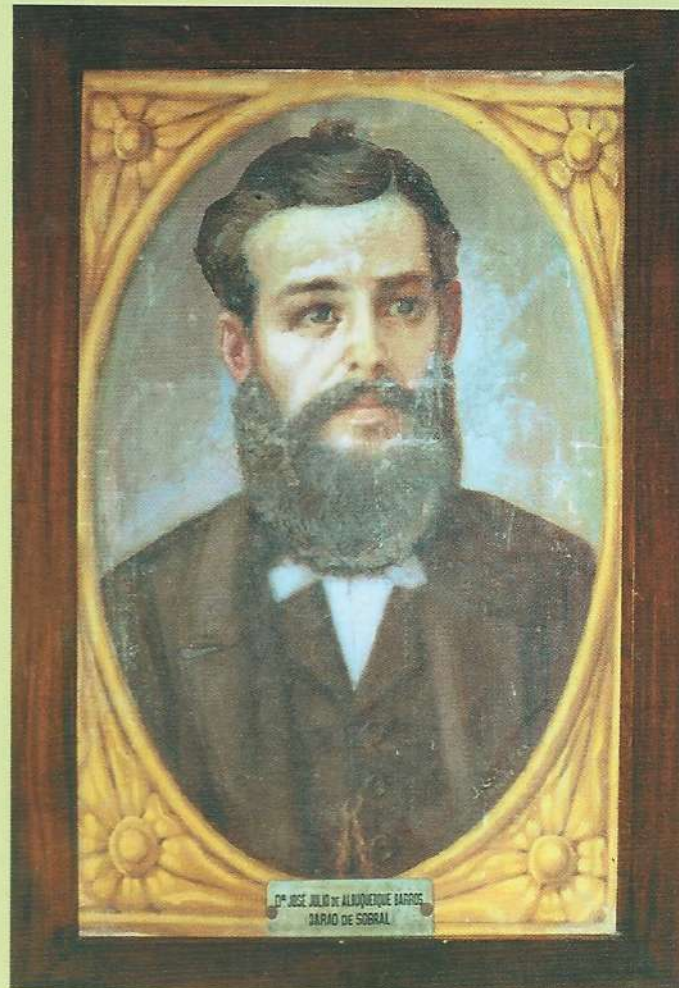
Em tecido, encontram-se alguns painéis pintados, sem assinatura, reproduzindo os Passos do Calvário, como O Cristo da Cana Verde, O Flagelo, A Crucificação, A Face de Cristo, atribuídos ao pintor sobralense José Ferreira Lemos, autor do painel da Santa Ceia, pintada na Catedral de Sobral, no século XIX.



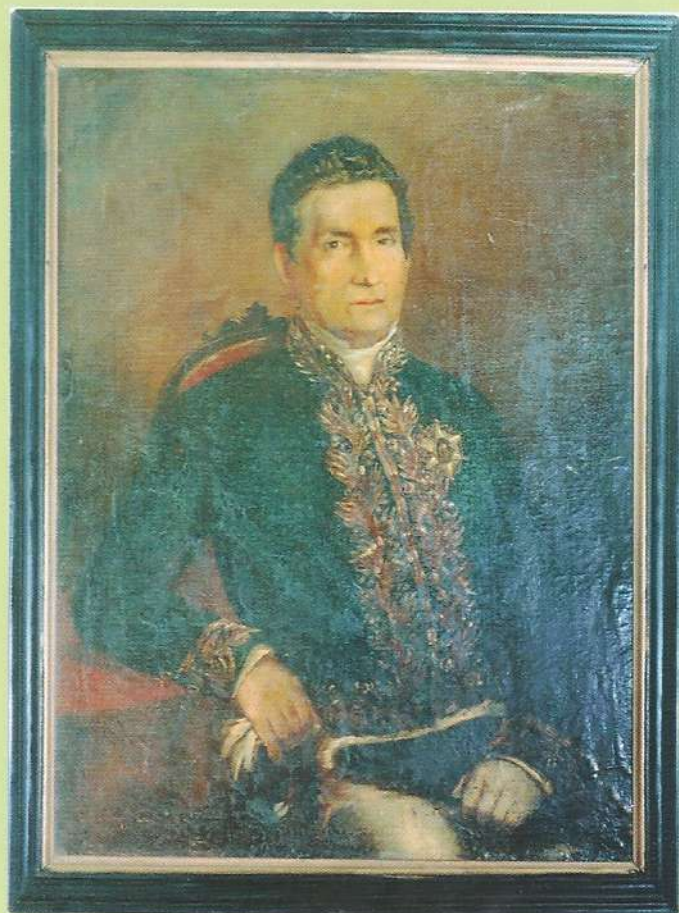
2



3



4



5



6



7





Coleção Fotografia

O acervo fotográfico do Museu Dom José, abrange fotos da metade do século XIX até o início do século XXI. Possui 8.645 fotografias adquiridas por Dom José ao longo de 40 anos de coleta, entre famílias sobralenses, acervos particulares e Diocese de Sobral - padres que ordenaram-se na época de Dom José -, com algumas raridades do final do século XVIII, preservadas em álbuns fotográficos, onde estão registrados momentos de solenidades religiosas, sociais e políticas que movimentaram a sociedade local.

Destaca-se um álbum de reprodução de Félix Nadar, um dos maiores fotógrafos da França do século XIX, adquirido em 2002, em Paris, pelo casal Teodoro Soares e Norma Maia Soares. Na coleção antiga do Museu, existem duas fotografias originais de Félix Nadar - Francisco José I, Imperador da Áustria, e Émile Littré, filósofo francês.

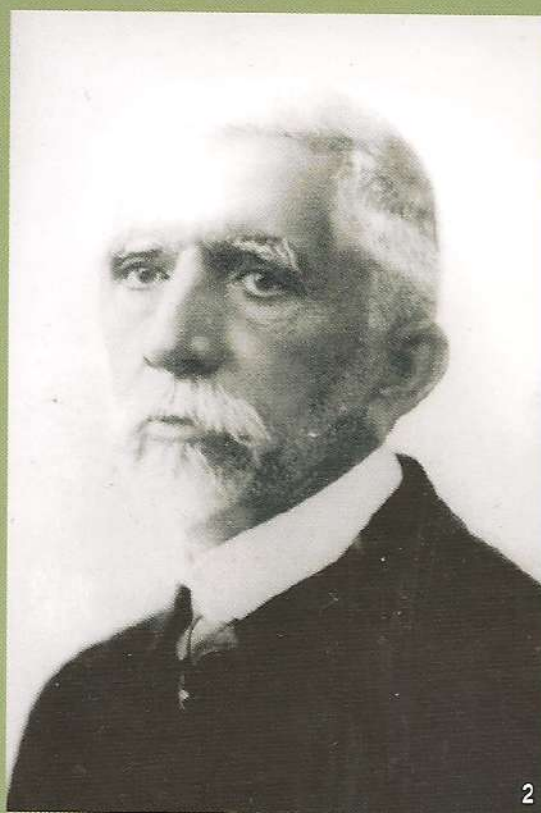
Compõe a coleção de raridades, uma original fotografia denominada "daguerreótipo", primitiva forma de fotografar sobre chapa metálica, criação do francês Daguerre, aproximadamente em 1850.

Estão catalogados, ainda, cartões-postais franceses (310 unidades) remetidos pelo sobralense Alarico Frota à Cândida Mendes, em Sobral, no ano de 1906, doados por sua família ao Museu Dom José, em 2000.

A evolução da Vila de Sobral à condição de cidade progressista, está registrada em 20 painéis fotográficos que mostram a diversificada arquitetura que compõe o cenário urbano sobralense.

Em 2005, foi acrescentado, em doação a essa coleção antiga de fotografias, um novo acervo pertencente ao jornalista e comunicador sobralense José Maria Soares, com 7.080 fotos, datadas de 1940 a 2002, fitas de vídeo, discos e fitas de áudio, instalado na Ala da Comunicação, compondo uma preciosa coleção de áudio-visuais.

Foram registradas, ainda, em imagens fotográficas as inaugurações de novas salas, cursos oferecidos, exposições temáticas, oficinas pedagógicas, visitas de autoridades eclesiásticas, políticas e da área cultural, que marcaram os últimos 10 anos da atual direção do Museu Dom José.

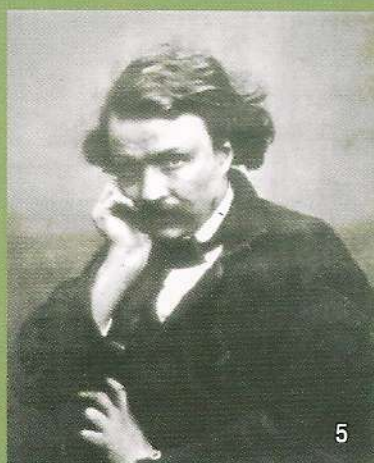


2



Praça do Mercado — Sobral. (Ceará.)

3





7



8



9



7



8



9

10



11



12





ARMARIA

Coleção Armaria

Muito raramente se pode estabelecer padrões estilísticos nas coleções de armaria, devido basicamente a sua função utilitária e o caráter semi-industrial de sua execução. Os padrões são universais e, às vezes, atemporais.

Apesar das dificuldades de classificação estilísticas numa armaria, no caso específico, a presença de elementos zoomórficos e de animais fantásticos, permite situar algumas de nossas peças no cenário da arte neoclássica, estilo que buscou, na gramática ornamental da Antiguidade Clássica e do Renascimento, inspiração para definição das suas formas decorativas. Por outro lado, a técnica da incisão a cinzel e o aplique de placas fundidas e moldadas se constituem em soluções típicas do século XIX. Peças que pelos elementos ornamentais compostos de folhas de acanto, gomilados e concheados, podem ser caracterizadas como de fatura neobarroco.

Algumas peças possuem punhos artisticamente trabalhados em madre-pérola, prata e outros metais.

Temos, na coleção, projéteis utilizados pela artilharia, que estão classificados como bala explosiva, ou seja, balas esféricas ou cilíndricas contendo balins, metralha e substâncias explosivas, as granadas.

A Coleção possui espingardas Comblain, utilizadas na Guerra de Canudos (1893-1897), sabre-baioneta empregada na Guerra do Paraguai (1865-1870), espingarda usada na Guerra da Secessão (1861-1865), bacamarte de origem londrina, usado no Primeiro Reinado e Regências, fuzis Mannlicher e Manchester, granadeira luso-brasileira, espadas da Guarda Nacional, pistolas sinalizadoras, canivete siciliano, sabres, floretes, espadins, punhal turco, adaga árabe, datadas dos períodos Colonial, Imperial e Republicano do Brasil.









10



11a



11



12



12a



ETNOLOGIA

Coleção Etnologia

O Museu Dom José possui, em seu acervo, 326 peças da coleção etnográfica, representando diversas nações indígenas brasileiras. São instrumentos de caça, de trabalho, de uso doméstico e de outras atividades que, em conjunto com a arte plumária, cestarias, cerâmica, máscaras vegetais e objetos de rituais, formam uma importante coleção do gênero no Brasil.

Somente no século XX, os contatos com as comunidades indígenas se intensificaram, a partir da expedição do Marechal Rondon, na década de 1920, fazendo com que a arte indígena tivesse uma maior divulgação.

Os artefatos indígenas que estão expostos no MDJ são provenientes dos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Mato Grosso e Ceará, sendo originados de diversos grupos indígenas do Brasil, como: Karajás, Canela, Wai-wai, Parakanã, Aruak e Tupi, no Alto Xingu.

Grande parte das peças indígenas foram doadas por Suely Ampuero, em 2002, provenientes de tribos do Pará. Essa nova coleção junta-se a mais antiga, adquirida por Dom José Tupinambá da Frota, compondo uma das mais variadas coleções na área.

A sala de artefatos indígenas atende, principalmente, a comunidade estudantil dos três níveis, mas prioriza o ensino básico através das oficinas pedagógicas, direcionadas para a cultura indígena.







ARQUEOLOGIA

Coleção Arqueologia

O Museu Dom José possui 350 peças de artefatos de pedras, bem elaboradas, como machados, lanças, pontas de flechas, tigelas, almofarizes (pilões), batedores, mãos de pilão, raspadores. Tais objetos serviram ao homem primitivo, na Idade da Pedra Polida (Período Neolítico – de 10.000 a 3.500 anos antes do presente).

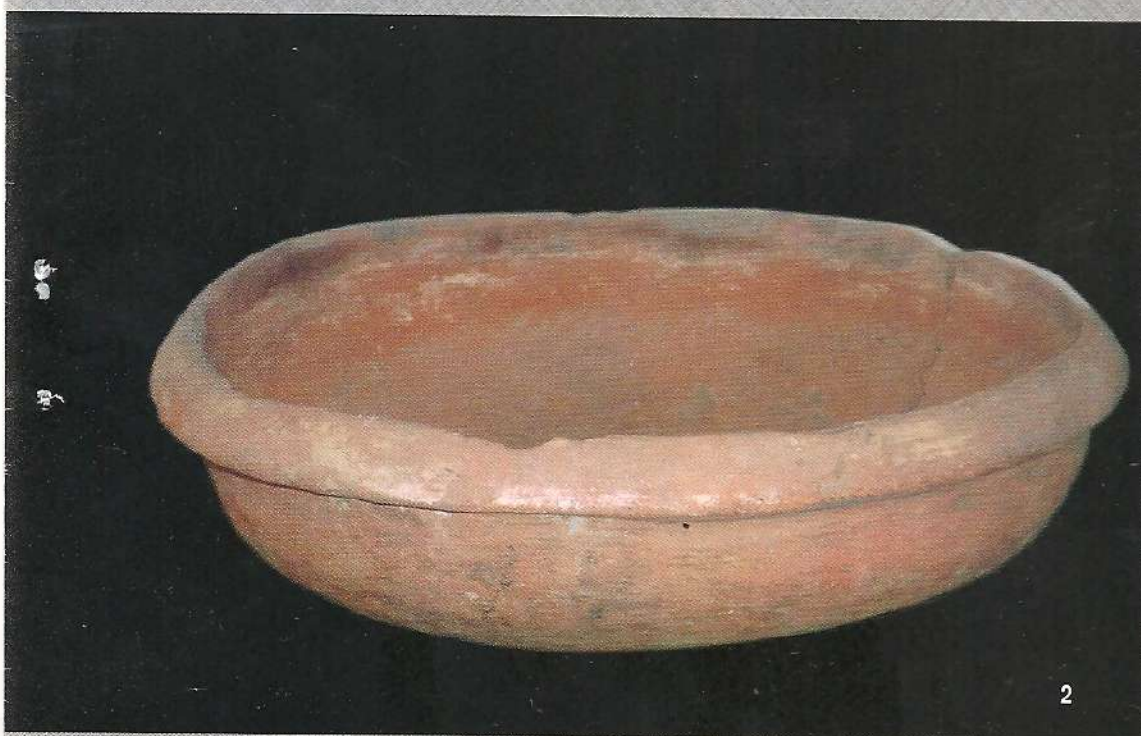
Para a confecção dos artefatos líticos da coleção do MDJ, foram utilizadas rochas como diabásios, basaltos, gnaisses e arenitos.

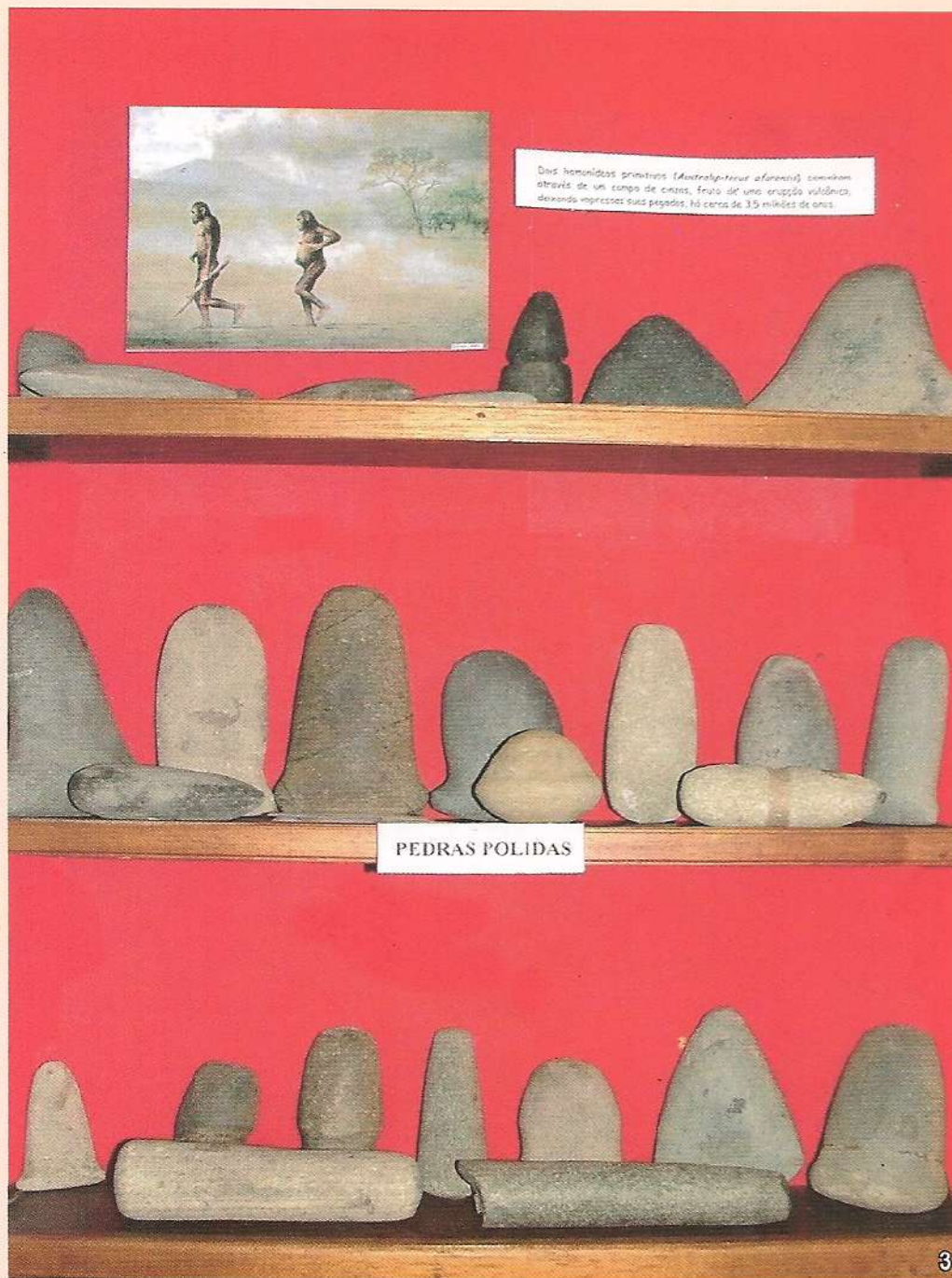
A origem da maioria das peças é desconhecida, mas as ocorrências registradas são do Estado do Ceará.

Os instrumentos líticos polidos predominam no acervo de peças arqueológicas do Museu Dom José. A técnica do polimento foi largamente realizada pelas populações que lidavam com o processamento de alimentos, mas especificamente de vegetais.

Compõe a coleção uma urna cinerária – Igaçaba, encontrada com restos de ossos humanos na região de Mombaça – CE. Outras peças em cerâmica são encontradas na coleção, como: Alguidar – encontrada em 1965, ao lado de uma oiticica secular, às margens do Poço Timburana, na Fazenda Várzea da Pedra, município de Sobral - e depósitos para cereais.

Destacam-se, em quartzo, as Pedras Sagradas dos Incas - O Sol e A Lua - encontradas em São Benedito (CE), em 1956. Sobre essas peças ainda há muito que ser pesquisado, pois não há no Museu Dom José maiores informações sobre as mesmas.







PALEONTOLOGIA

Coleção Paleontologia

O acervo de paleontologia está constituído de 720 fósseis provenientes do Estado do Ceará, organizados em cinco coleções: icnofósseis, peixes, vegetais, insetos e mamíferos.

A maioria dos icnofósseis (vestígios de organismos antigos como pegadas, rastros, escavações) é oriunda da Bacia do Parnaíba, de idade siluriana (cerca de 450 milhões de anos). São registros de invertebrados marinhos e indicam que a serra da Ibiapaba já foi mar no passado.

Os peixes, vegetais, insetos e alguns icnofósseis, encontrados na Bacia do Araripe são, a maioria, de idade cretácea (cerca de 120 milhões de anos). Foram encontrados em locais de lagos, rios e mares antigos.

Os mamíferos, principalmente formas gigantes de tatus, preguiças, elefantes, constituem os registros mais recentes, encontrados em depósitos de tanques, são de idade pleistocênica-holocênica (cerca de 14.000 – 7.000 anos). Foram localizados no município de Sobral (Fazenda Maurício) e arredores e ficaram preservados depois do último período glacial. A preguiça (*Eremotherium Spillmann*, 1948) chegava a medir seis metros de comprimento. É o mamífero gigante fóssil mais abundante na região.

O Museu Dom José possui um Laboratório de Paleontologia, cuja equipe, formada de professores e estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú, realiza constantes pesquisas, principalmente no Ceará, assim como a identificação e classificação do acervo já existente.



1



2





NUMISMÁTICA

Coleção Numismática

O desenvolvimento econômico, as transações entre colonizadores viajantes e naturais da terra, exigiam para o Brasil um meio circulante estável. No século XVII, não era mais possível o escambo, a simples troca de produtos, o dinheiro era uma mercadoria indispensável para a sociedade em formação. Já não bastavam a moeda portuguesa escassa, nem tão pouco a moeda espanhola de prata, esta quase presente na circulação colonial. Havia necessidade de uma moeda própria que aqui permanecesse normalmente em giro, sem interrupções, decorrentes de levantamentos e carimbagens que provocavam graves problemas.

A invenção da moeda na Lídia (Ásia Menor), no século VII a.C., substituiu a troca de produtos nas operações comerciais. O primeiro material usado para moedas foi o electro, liga natural de ouro e prata. Somente no século XII, a moeda começou a ser cunhada na Europa, sendo as primeiras o Florim (Forença, 1252) e o Ducado (Veneza, 1280).

O padrão monetário do Brasil provém do Real português, cunhado em prata por D. João I. Desvalorizações sucessivas originaram o padrão do mil Réis, de onde se derivou o Cruzeiro. No Brasil, os holandeses cunharam moedas no Recife, os portugueses começaram na Casa da Moeda, na Bahia, a partir de 1695.

Os metais mais usados na fabricação de moedas são: a prata, o ouro, o bronze e o alumínio.

A coleção numismática do Museu Dom José é composta de medalhas comemorativas, brasões e 20.394 moedas que circulavam em todos os períodos históricos do Brasil - Colônia, Reino Unido, Império e República -, além de moedas dos mais variados países como Vaticano, Bélgica, Áustria, Holanda, Alemanha, Portugal, África Oriental, África Ocidental.

As moedas datam dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX e, entre as mais antigas, podemos citar a Macuta, de 1614, que circulou na África Portuguesa, possivelmente em Moçambique ou Gana.





11



12



13



14



15



16



17



18



19



20

MUSEU

Dom José

SOBRAL

ATIVIDADES EDUCATIVAS

- Visitas orientadas para estudantes ou grupos diversificados
- Exposições temáticas temporárias e permanentes
- Apoio às pesquisas desenvolvidas pela UVA e outras instituições
- Realização de cursos de extensão
- Apoio a projetos escolares na área de patrimônio cultural
- Biblioteca organizada em museologia
- Suporte às aulas práticas ministradas no espaço museológico
- Vídeos educativos e institucionais
- Laboratório de Paleontologia

PROJETOS

- **Oficina de Animação Pedagógica:** Possibilitando uma visão do Museu como espaço lúdico e dinâmico, com práticas pedagógicas diferenciadas, incentivando as atividades artísticas, científicas e o conhecimento da história regional; são oferecidas oficinas de: Paleontologia, desenho, pintura, origami (arte em papel), contação de histórias e teatro de bonecos. Visitas agendadas previamente.
- **Mostra itinerante:** Visita às cidades circunvizinhas, levando uma amostra do acervo do Museu em forma virtual e/ou exposições temáticas.
- **Museu/Escola:** Convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Sobral e o MDJ, possibilita a visita gratuita de alunos da rede municipal de ensino.

Horários de funcionamento: •

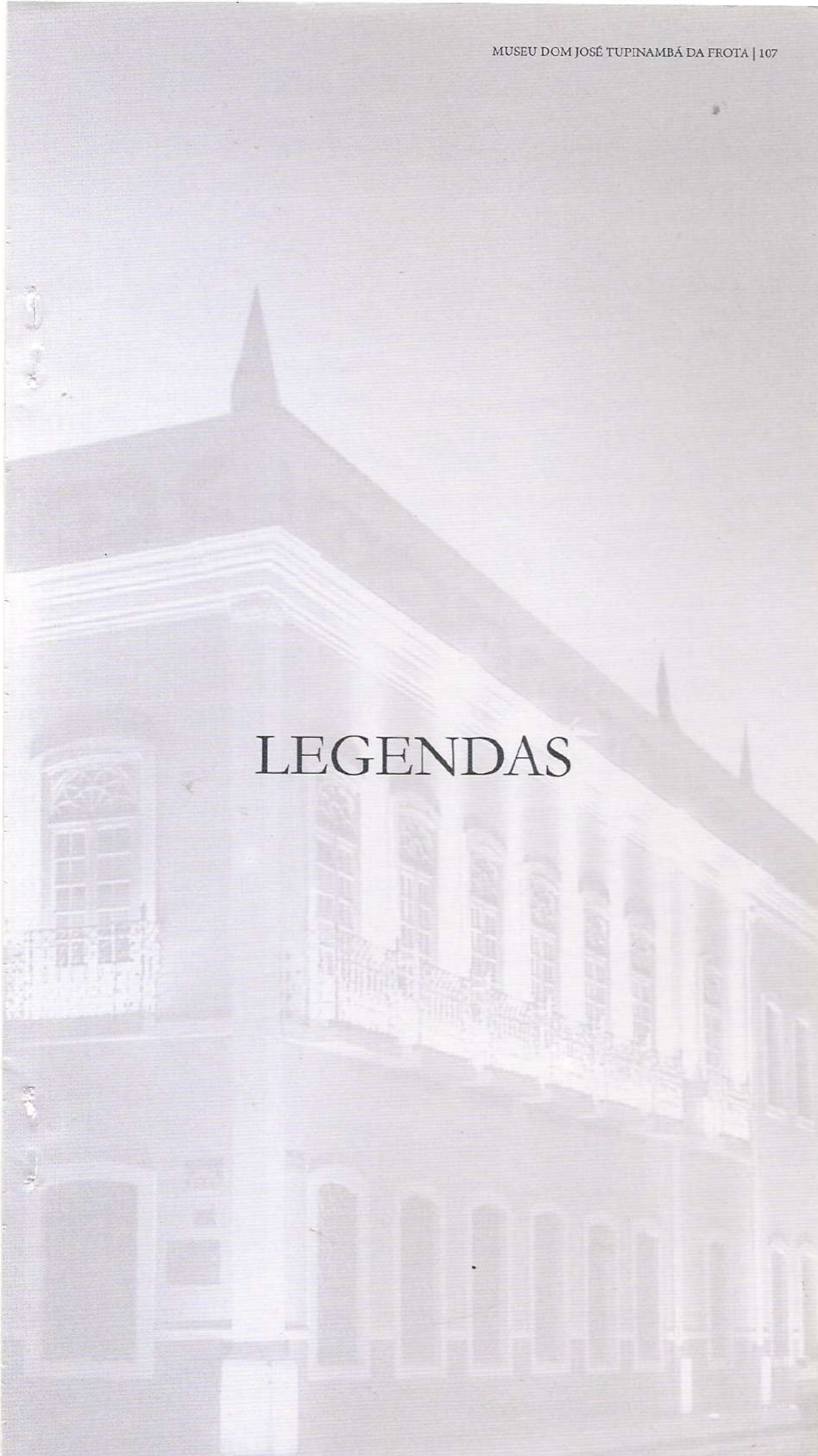
Terça à sexta: 8h às 11h e 14h às 17h

Sábado e domingo: 8h às 12h

Fone: (88)3611.3525

E-mail: museudjsobral@oi.com.br

LEGENDAS



COLEÇÃO IMAGINÁRIA - ARTE SACRA

1. **Sagrado Coração de Jesus** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 101,50cm / larg.: 48cm
2. **Sant'Ana com a Virgem** – Sant'Ana Guia - Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 55,5cm / larg.: 23cm
3. **Nossa Senhora do Leite** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 70cm / larg.: 34cm
4. **Nossa Senhora da Assunção** – Terracota – Séc. XVII
Alt.: 84cm / larg.: 44cm
5. **Santo Antônio** – Madeira policromada – Séc. XIX -
Procedência: Portugal
Alt.: 45cm / larg.: 22cm
6. **Cristo Ressuscitado** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 97cm / larg.: 39cm
7. **Santa Luzia** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 46cm / larg.: 19,5cm
8. **São Pedro** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 95,5cm / larg.: 36cm
9. **Cristo Crucificado** – Madeira, marfim e prata estanhada
Séc. XIX – Cruz: Alt.: 98,5cm / larg.: 42,1cm – Cristo: Alt.: 35cm / larg.: 32,9cm
9a. *Detalhe*
10. **Bom Jesus dos Passos** – Madeira policromada – Séc. XVIII
Procedência: Camocim
Alt.: 57cm / larg.: 38cm
11. **São Bento** – Madeira policromada – Séc. XVIII
Alt.: 71cm / larg.: 33cm
11a. *Detalhe*
12. **Nossa Senhora da Conceição** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 45,8cm / larg.: 17,5cm
13. **São Sebastião** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 55cm / larg.: 17cm
13a. *Detalhe*
14. **Santa Rita** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 57cm / larg.: 26cm
14a. *Detalhe*
15. **Pietá** – Madeira policromada – Séc. XIX
Procedência: Porto/Portugal
Alt.: 30cm / larg.: 24cm
16. **Santo Agostinho (Santo Bispo)** – Madeira policromada – Séc. XIX
Procedência: Matriz de Sobral
Alt.: 58cm / larg.: 21,5cm
17. **São Francisco** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 66,7cm / larg.: 21,4cm
18. **Nossa Senhora do Rosário** – Madeira policromada – Séc. XVIII
Alt.: 88cm / larg.: 48,5cm
19. **Santos Mártires de Marrocos** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 22,5cm / larg.: 20cm
20. **Santa Isabel de Portugal** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 24cm / larg.: 11cm;
20a. *Detalhe*
21. **São Miguel Arcanjo** – Madeira policromada – Séc. XIX
Alt.: 92,8cm / larg.: 46,7cm;
21a. *Detalhe*
22. **Nossa Senhora do Rosário** – Madeira policromada – Séc. XVIII
Alt.: 88cm / larg.: 42,5cm
23. **São João** – Madeira policromada – Séc. XIX

Procedência: Portugal

Alt.: 34cm / larg.: 10cm

24. **São José de Botas** – Madeira policromada – Séc. XIX

Alt.: 67,5cm / larg.: 33cm

COLEÇÃO INDUMENTÁRIA - ARTE SACRA

1. **Mitra** – Material: lhama / tecido metálico dourado/bordado a fios dourados / aplicações de pedras / pequenos círculos de metal / galão dourado / franjas
Alt.: 39cm / larg.: 31cm / comp.: 40cm(faixa)
2. **Casula** – Material: seda/bordados a fios de seda / passamanes de seda
Larg.: 66cm / comp.: 1,07m
Alva – Material: tecido cambraia / renda / bordado
Alt.: 1,28m
Manípulos – Material: seda / passamanes de seda
Larg.: 15cm / comp.: 1,04m
Véu de Cálice – Material: seda / passamanes de seda
Larg.: 50cm / comp.: 50cm
2a.Detalhe
3. **Capa Magna** – Material: seda vermelho *bordeau*, com cauda
Alt.: 1,20m / 2,60m
Almuce/Murça
Material: arminho - Alt.: 35cm / comp.: 1,00m
3a.Detalhe
4. **Dalmática** – Material: seda / bordado a fios dourados / aplicação de lantejoulas/ pedras/galão
Alt.: 1,06m / larg.: 79cm
Alva - Material: cambraia / renda inglesa / costura / bordado
Alt.: 89cm
Véu de Cálice - Material: seda / bordado a fios dourados / galão dourado
Alt.: 50cm / larg.: 50cm
Manípulos – Material: seda / bordado a fios dourados / galão
Comp.: 1,04m(duas peças)
4a. Detalhe
5. **Casula** – Material: seda / fios metálicos dourados / barra bordada / galão dourado
Alt.: 1,03m / larg.: 68cm
Estola - Material: seda / bordado a fio de seda (verde) / com aplicação de pequenos discos a feição de cachos de uva
Larg.: 20cm / comp.: 1,95m
Alva - Cambraia / Renda
5a.Detalhe
6. **Capa de Asperges ou Pluvial** – Material: seda adamascado / fios metálicos dourados / costura / bordado
Alt.: 1,39m
Alva – Material: tecido cambraia / renda / bordado
Alt.: 78cm
Estola – Material: seda / passamanes / costura
Larg.: 15cm / comp.: 1,96m
Luvas – Material: malha de seda / bordado com fios metálicos dourados
Comp.: 24,5cm
Barrete – Material: tecido de seda / fios metálicos dourados / costura / bordado
Alt.: 10cm / larg.: 17cm / comp.: 17cm
7. **Murça** – Material: gabardina / cordão de seda / botões
Procedência: Recife
Alt.: 45cm
Alva – Material: tecido cambraia / renda / cordão de seda / botões / costura
Alt.: 1,23m

- Batina ou Sotaina** – Material: gabardina / botões / cordão de seda
Alt.: 1,58cm
- Luvas** – Material: malha de seda roxa
Comp.: 26,5cm
8. **Véu Umeral** – Material: seda / bordado com fios metálicos dourados
Alt.: 53cm / comp.: 1,75
9. **Mitra** – Material: seda / fios metálicos dourados / aplicações de pedras / lantejoulas / bordado / franja
Alt.: 41cm / larg.: 36cm / comp.: 41cm(faixas)
10. **Chapéu** – Material: feltro / cordão de seda
Procedência: Rio de Janeiro
Alt.: 10cm / larg.: 34cm x 31cm
11. Indumentárias usadas na Sagração de Dom José
- Polainas (par de meias longas)** - Material: lhama / tecido de fios metálicos dourados / galão dourado
Larg.: 20cm / comp.: 52cm;
- Luvas** – Material: malha de seda / bordado a fios dourados/aplicações de lantejoulas / renda metálica
Comp.: 31cm – No centro as iniciais “IHS”;
- Cáligas (Sapatos)** – Material: lhama / fios metálicos dourados bordados - Comp.: 26cm

COLEÇÃO MOBILIÁRIO - ARTE SACRA

1. **Sólio Episcopal** - conjunto formado por cadeira, baldaquim e dois bancos laterais (mochos)
Cadeira Episcopal: espaldar alto usado em cerimônias religiosas – Séc. XIX
– Material: madeira com pintura escura
Procedência: Catedral da Sé – Sobral-CE
Alt.: 1,79m / larg.: 53cm / comp.: 68cm
Baldaquim – seda vermelha com franjas em fios metálicos dourados.
2. **Púlpito** – Séc. XX – Estilo Eclético - Material: madeira entalhada com frisos / folhas de acanto / gomilados
Procedência: Catedral da Sé - Sobral-CE
Desenho: José Ferreira Lemos
Entalhador: José Joaquim de Araújo
Alt.: 2,45m / comp.: 1,14m
3. **Oratório** – Séc. XIX (1825) – Material: madeira policromada / torneada / entalhe
Origem: Bahia – Procedência: São Benedito-CE
Alt.: 1,15m / larg.: 32,3cm
3a. Detalhe
4. **Oratório** - Séc. XIX - Material: madeira / vidro / torneado / entalhe
Alt.: 82cm / larg.: 24cm / comp.: 55cm
São Benedito - Material: madeira policromada - Séc. XIX
5. **Oratório** – Séc. XIX – Material: madeira / vidro / detalhes em folha de ouro / entalhes em motivos fitomorfos, colunas torsas, vazadas com capitéis coríntios - Na parte interna, há a presença de iconografia da Paixão de Cristo.
Origem: Inglaterra
Alt.: 1,90m / comp.: 1,00m / larg.: 42cm
6. **Oratório** – Séc. XVIII – Estilo Popular – Material: madeira policromada / torneada / entalhe dourado - Pintura de Nossa Senhora e Santo Antônio nas laterais
São Francisco - Material: madeira policromada - Séc. XIX
Procedência: Riacho dos Guimarães/Groaíras
Alt.: 1,10m(em cruz) / larg.: 36,1cm / comp.: 68,3cm
7. **Cadeira de Braços** – Séc. XVII / XVIII (1701)

Origem: Viçosa do Ceará

Procedência: Coronel Benício Fontenelle

Material: couro lavrado/madeira preta/metais - Pertenceu ao convento dos Padres Jesuítas da Aldeia da Missão de Nossa Senhora de Ibiapaba. A partir da sua expulsão do Brasil, em 1754, a cadeira passou a ser usada no Senado da Vila Real de Viçosa

Alt.: 1,19m / larg.: 56,7cm / comp.: 58,4cm

8. **Tabernáculo** – Séc. XVIII

Material: Cedro Policromado - Procedência: Viçosa do Ceará

Alt.: 94cm / comp.: 1,84m

3a. *Detalhe*

COLEÇÃO MOBILIÁRIO - ARTE DECORATIVA

1. **Ambientação Interna**

2. **Lavatório** – Séc. XIX – Material: porcelana alemã/mogno

Procedência: Sobral – Origem: Alemanha

Histórico: Pertenceu ao Senador Francisco de Paula Pessoa

Alt.: 1,36m / larg.: 63cm / comp.: 90cm

3. **Ambiente de Exposição:** Sala do Séc. XIX com móveis, porcelanas e cristais da época

4. **Piano (Pianola)** – Séc. XIX – Material: madeira

Procedência: Sobral - Origem: New York (Weser Brós, 1879)

Histórico: Pertenceu à família do Dr. José Saboya de Albuquerque.

Doado à Universidade Estadual Vale do Acaraú

Comp.: 1,67m / alt.: 1,45m / larg.: 76cm

5. **Piano em Meia Cauda** – Séc. XIX/ estilo D. João VI

Material: Imbuía / pintura queimada / metais / ferro

Marca: Steinway & Sons – Origem: New York, 1859

Histórico: Pertenceu ao Maestro Alberto Nepomuceno

Alt.: 94cm / larg.: 1,14m / comp.: 2,5m

6. **Armário de Farmácia (Botica)** – Séc. XIX

Material: madeira / vidro

Procedência: Sobral – Foi ofertado por Fernando Mendes à Santa Casa de Misericórdia de Sobral, em 1925, e doado ao Museu Dom José em 2005

Alt.: 3,07m / comp.: 4,64m / larg.: 40cm

7. **Sala de Ambientação:**

7a. **Canapé** – Séc. XIX

Estilo Pernambucano

Material: Jacarandá envernizado/palhinha

Alt.: 99,5cm / larg.: 56cm / comp.: 2,11m

7b. **Tela a óleo** - Capitão Francisco Marçal Gondim

8. **Palanquim ou Cadeira de Arruar** – Séc. XIX

Material: Cedro Policromado / palhinha / tecido / couro / metal

Alt.: 1,56m / larg.: 69,5cm(frente) / comp.: 2,54m(com varal)

Pertenceu ao Cel. Oswaldo Soares (Sobral)

9. **Liteiras**

9a. Séc. XIX - Material: cedro envernizado / ferro / pregarias / palhinha / couro

Alt.: 1,32m / larg.: 83cm(alças) / comp.: 1,32m

9b. Séc. XIX – Material: mogno / palhinha / ferro / couro / lona / pregarias

Alt.: 1,56m / larg.: 90,5cm (com alças) / comp.: 1,42m

9c. Séc. XIX – Material: cedro envernizado / palhinha / ferro / seda

Alt.: 1,28m / larg.: 83,5cm / comp.: 1,37m

10. **Ambiente de Exposição:** Sala de Audiências de Dom José

11. **Ambiente de Exposição:** Sala Bandeira de Melo

12. **Espositor** - Séc. XX

Material: Madeira / vidro / ferro / torneado / entalhe

Alt.: 2,06m / Larg.: 50 cm / Comp.: 115,5 cm

13. **Sala de Ambientação** – Séc. XIX – Mesa colonial com cadeiras, guarda-louça, porcelanas, cristais e espelho
14. **Relógio em Coluna** – Séc. XX – Estilo Neoclássico tardio
Origem: Inglaterra
Material: madeira / metal / vidro
Alt.: 2,60m / larg.: 42cm / comp.: 52cm
15. **Porta-chapéu** – Séc. XX – Estilo Naturalista / com detalhes em Art Nouveau
Material: madeira / plástico / metal / pintura
Alt.: 1,88m / larg.: 19,5cm(base) / comp.: 54,5cm
- Cartola** – Séc. XIX
Material: Astracã preto forrado de seda
Origem: Piccadilly - London - Inglaterra
Chapelaria Watson - Rio de Janeiro
Doação: Ernesto Saboya Figueiredo
Altura: 34cm / larg.: 23cm

COLEÇÃO OURIVESARIA

ALFAIAS – CONJUNTO DE OSTENSÓRIO E ÂMBULA

1. **Ostensório** – Séc. XVIII – Material: Prata fundida, dourada. Peça executada em Sobral, em 1810, para a Matriz
Procedência: Matriz de Sobral
Alt.: 45,8cm / larg.: 21,6cm / comp.: 2,2cm x 13,8cm(base)
2. **Âmbula** – Séc. XVIII/XIX - Material: prata fundida, dourada, repuxada
Procedência: Matriz de Sobral
Alt.: 18cm / diâm.: 14,4cm (borda)
3. **Cálice** – Material: prata dourada / 50 rubis
Alt.: 24cm / comp.: 18cm (base)
Histórico: Doado pelos padres da Diocese de Sobral a Dom José, por ocasião do Congresso das Vocações Sacerdotais de 1955, em comemoração ao Jubileu de Ouro do referido bispo
3a. *Detalhe*
4. **Conjunto**
 - 4a. **Cruz Peitoral** – Séc. XX – Material: ouro
Alt.: 11cm / larg.: 5,8cm
Pertenceu a Dom José Tupinambá da Frota
 - 4b. **Rosário** – Séc. XX – Material: ouro fundido
Comp.: 80cm / 45cm / 61cm
Pertenceu a Dom José
 - 4c. **Medalha** (pingente) – Séc. XX
Material: ouro fundido – Alt.: 4cm
5. **Báculo** – Séc. XIX – Estilo Neogótico
Material: liga de metal dourado
Alt.: 1,70m / larg.: 26cm – Pertenceu a Dom José
5a. *Detalhe*
6. **Coroa do Divino** – Séc. XVIII – Material: prata repuxada dourada
Alt.: 37,8cm / diâm.: 17cm
Histórico: usada na festa do Espírito Santo pelo Menino Imperador - Sobral
7. **Moldura** (Diploma de Irmão Benemérito da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Sobral, conferido a Dom José - 1936)
Material: Prata dourada / vidro
Alt.: 54cm / comp.: 58cm
8. **Píxide** – Séc. XIX – Estilo barroco tardio
Material: prata batida
Decoração: representação da Catedral de São Pedro, em Roma
Usado para conduzir hóstias

- Alt.: 10cm / larg.: 7cm
9. **Turíbulo** – Séc. XVIII - Material: Prata lavrada
Histórico: usado para incensar ambientes sacros
Alt.: 25,5cm / diâm.: 12,5cm
 10. **Naveta** – Séc. XVIII - Material: Prata lavrada
Usada para guardar incenso
Alt.: 15,6cm(tampa) / larg.: 6,7cm(meio) / comp.: 20,2cm
 11. 11a. **Copo** - Material: prata burilada
Procedência: Dom José Tupinambá da Frota - Sobral
Alt.: 10,8cm / diâm.: 7,1cm
11b. **Salva** – Séc. XIX - Material: prata fundida – Estilo Neoclássico
Alt.: 2,5cm / diâm.: 14,5cm
 12. **Cálice** – Material: metal dourado/pérolas/miçangas (pedras coloridas)
Alt.: 24,1cm / diâm.: 15,1cm(com base)
Histórico: Oferecido a Dom José Tupinambá da Frota pelo Dr. Ademar de Barros, por ocasião do Jubileu Sacerdotal, em 1955.
 13. **Coroa** – Séc. XVIII - Material: prata dourada
Alt.: 27cm / diâm.: 10,5cm
 14. **Sineta** – Séc. XIX - Material: prata lavrada / bronze
Alt.: 24cm / diâm.: 14,4cm
 15. **Tocheiros** – Séc. XVIII - Material: prata lavrada
Origem: Porto/Portugal
Alt.: 60cm / larg.: 38cm
 16. **Tinteiro escrivainha** – Séc. XIX - Estilo Neoclássico
Material: liga de metal / fundida / prateação / cristal
Alt.: 17cm / larg.: 30cm / comp.: 38cm
 17. **Conjunto** - Prata portuguesa
 - 17a. **Bule** – Séc. XIX
Material: prata - Alt.: 24,1cm
 - 17b. **Bule** – Séc. XIX - Material: prata fundida
Alt.: 20,3cm / diâm.: 8,3cm(base)
 - 17c. **Açucareiro** – Séc. XIX - Material: prata fundida
Alt.: 11,5cm / diâm.: 7,8cm(base)
 - 17d. **Bandeja** – Séc. XIX - Material: prata fundida
Alt.: 6,9cm / diâm.: 48,5cm
 18. **Lampadário** – Séc. XVIII - Estilo D^a. Maria I / Neoclássico
Material: prata lavrada / repuxada
Histórico: pertenceu à Catedral da Sé - Sobral
Alt.: 1,96m / larg.: 0,47cm

COLEÇÃO CRISTAL

1. **Vaso** – Séc. XIX – Material: cristal azul / pintura
Alt.: 19cm / diâm.: 7,2cm(base)
2. **Vaso** – Séc. XIX – Material: cristal vermelho / pintura
Alt.: 52,5cm / diâm.: 19,3cm(base)
3. **Toucadór** – Séc. XX – Material: vidro azul / metal dourado
Alt.: 23,2cm / larg.: 16,1cm(pés laterais)
4. 4a. e 4c. **Fotomobile** (Castiçal) – Séc. XX – Material: vidro azul / opalina / metal
Alt.: 32,1cm / diâm.: 41,1cm(base)
4b. **Castiçal** – Séc. XX – Material: vidro azul / opalina / pintura
Origem: Paris
Alt.: 34,5cm / diâm.: 42cm(base)
5. **Conjunto de Lavatório** – Séc. XIX - Composto de bacia / jarro / vaso sanitário / pequena bacia / porta-escova / porta-pó com tampa pegada em cristal branco com filete, interior em vermelho
Material: cristal vermelho / cereja / pintura

6. **Lustre** – Séc. XIX – Procedência: São Luís - Maranhão
Material: cristal Baccarat - Cores: branco, vermelho e verde
Pertenceu ao Barão de Itacolomy.
Comprado por Dom José, em 1953
Alt.: 1,12cm / larg.: 0,62cm
- 6a. *Detalhe*
7. **Lustre** – Séc. XX – Material: vidro / metal com três braços / pingentes
Alt.: 1,20cm / larg.: 0,76cm
8. **Candelabro** - Séc. XIX - em bronze / cristal / cinco braços
Alt.: 100cm / larg.: 32cm

COLEÇÃO PORCELANA

1. **Escultura Primavera** – Séc. XIX
Material: Louça vidrada – Estilo Neoclássico
Origem: Portugal - Marcas e sinais: Fábrica das Devezas
Autor: A. A. Costa
Alt.: 1,10m / larg.: 28,5cm(base) / comp.: 35,5cm(braços)
2. **Conjunto Biscuit / Paliteiros** – Séc. XVIII / XIX
Material: barro cozido/pintado:
 - 2a. **Namorados**
 - 2b. **Espinário**
 - 2c. **Pastor**
 - 2d. **O Soldado e a Camponesa**
 - 2e. **Netuno**
 - 2f. **Ninfas**
3. **Escultura Hipócrates** – Séc. XIX
Material: Louça vidrada – Estilo Neoclássico
Origem: Porto / Portugal
Marcas e sinais: Fábrica de Santo Antônio
Alt.: 84cm / larg.: 26cm / comp.: 32cm(base)
4. **Cabeça Feminina** - Séc. XX
Material: gesso / molde / pintura
Alt.: 36cm / comp.: 16cm
5. **Detalhe Primavera**
6. **Jarros Romeu e Julieta** - Séc. XIX
Material: barro cozido - policromado
Origem: França
Alt.: 48cm / diam.: 24cm
7. **Jarro** - Séc. XIX
Material: caulim com feldspato - Estilo Neoclássico
Alt.: 38,5cm / larg.: 23cm
Histórico: Pertenceu ao Sr. Fernando Mendes (Sobral)
8. **Jarro** - Séc. XIX
Material: Opalina rosa / pintura dourada
Alt.: 49,5cm / diâm.: 19cm
9. **Cache-pot** – Séc. XIX
Material: caulim com feldspato / bronze / flores em relevo
Alt.: 35cm / comp.: 45cm(haste) / prof.: 23cm
Histórico: Pertenceu ao Capitão José Rodrigues Lima (avô de Dom José)
10. **Cafeteira** – Séc. XIX
Material: caulim com feldspato / pintura
Possui uma divisão em seu interior para o café e o leite
Origem: França
Alt.: 21cm / larg.: 18cm
- 10a. *Detalhe*
11. **Cache-pot** – Séc. XIX

- Material: caulim / argila / feldspato (azul escuro)
 Origem: Inglaterra
 Alt.: 27,2cm / diâm.: 32cm(boca)
12. **Escarradeira** – Séc. XIX
 Material: argila / caulim / feldspato / pintura
 Origem: Inglaterra
 Alt.: 17,6cm / diâm.: 24cm
13. **Aparelho de Chá** – Séc. XX
 Material: caulim com feldspato / pintura dourada
 Origem: Fábrica Vista Alegre (Portugal)
 Alt.: 25,5cm / 19,5cm / 15,5cm / 8cm
 Larg.: 20,5cm / 25,5cm / 18cm – diâm.: 22,3cm / 17cm
 Obs.: Possui legenda: "Lembrança Amizade"
14. **Faianças; Travessas** – Séc. XIX – Estilo Art Nouveau
 Material: caulim com feldspato em forma de folhas verdes
 Origem: Portugal - Larg.: 29,6cm / comp.: 40,8cm
 Marcas e sinais: "Caldas da Rainha"
- 14a. – **Bule** – Séc. XIX – Estilo Art Nouveau
 Material: caulim com feldspato em forma de repolho
 Origem: Portugal - Alt.: 25,5cm / larg.: 29,5cm
 Marcas e sinais: "Caldas da Rainha"
- 14b. *Detalhe*
15. **Fruteira** – Séc. XIX
 Material: argila / feldspato / caulim / pintura
 Origem: Limoges / França
 Alt.: 10,5cm / diâm.: 23,8cm
16. **Xícara de bigode** – Séc. XIX
 Material: caulim com feldspato
 Origem: Portugal
 Marcas: "Vista Alegre"
 Alt.: 17cm / larg.: 12cm
17. **Prato-Faiança** – Séc. XIX – Influência Art Nouveau
 Material: caulim com feldspato – Origem: Portugal
 Motivos fitomórficos: crustáceos – Diâm.: 29,5cm
18. **Floreira** – Séc. XIX – Influência Romântica
 Material: caulim com feldspato / pintura
 Alt.: 11,5cm / diâm.: 26,5cm

LOUÇA COMPANHIA DAS ÍNDIAS

19. **Prato com Tampa** – Séc. XIX
 Material: caulim com feldspato / vidrado
 Marca: Chiswick Wreth - I.R.B.&C.
 Alt.: 14,5cm / larg.: 27cm
20. **Terrina com Tampa** – Séc. XIX
 Material: caulim com feldspato / vidrado
 Alt.: 24,5cm / larg.: 39cm
21. **Travessa** – Séc. XIX
 Material: argila / feldspato / caulim - Origem: Inglaterra
 Marca: Ironstone / Shanghai / W. Adams
 Alt.: 4,2cm / larg.: 35cm / comp.: 45cm
22. **Prato fundo** – Séc. XIX
 Material: caulim com feldspato / vidrado
 Origem: Inglaterra
 Marca: Improved Stone Wart Screen Boyder - W.B.&C.
 Alt.: 27cm / larg.: 29cm
23. **Prato raso** – Séc. XIX

Material: argila / feldspato / caulim - Origem: Inglaterra

Marca: Stone / China / R. M.

Alt.: 2,1cm / comp.: 22,2cm

24. **24a. – Aparador de Carne – Séc. XIX**

Material: argila / feldspato / caulim - Origem: Inglaterra

Marca: Davenport

Alt.: 1,7cm / larg.: 24,4cm / comp.: 33,5cm

24b. **Travessa – Séc. XIX**

Material: argila / feldspato / caulim - Origem: Inglaterra

Alt.: 3,8cm / larg.: 28,2cm / comp.: 36,6cm

25. **25a. Tigela – Séc. XIX**

Material: caulim / feldspato / vidrado

Alt.: 11,5cm / diâm.: 24cm

25b. **Terrina – Séc. XIX**

Material: argila / feldspato / caulim

Origem: Inglaterra

Alt.: 9,4cm / diâm.: 24cm

25c. **Terrina com Travessa**

Material: argila / feldspato / caulim - Origem: Inglaterra

Marca: Ironstone / Shanghai / W. Adams

Alt.: 4,2cm / larg.: 34,8cm / comp.: 44,9cm

COLEÇÃO ADEREÇO E ACESSÓRIO

1. **Leque – Séc. XIX** - Material: tecido pintado / madeira / marfim
Alt.: 25cm
2. **Leque – Séc. XIX (1889)** – Material: tecido pintado/madeira
Origem: Paris / França Exposition Universelle - 1889
Inauguração da Torre Eiffel
Alt.: 34cm
3. **Leque – Séc. XIX** - Material: tecido pintado / cetim vermelho / madeira
Alt.: 37cm - Estilo: Francês
4. **Leque Plissado de Tecido – Séc. XIX**
Material: madeira / renda / tecido pintado
Alt.: 37cm
5. **Leque Brisé de Penas – Séc. XIX**
Material: madeira / penas pretas / avestruz
Procedência: D. Francisca Abigarina Ferreira Gomes (Sobral)
Pertenceu à Sra. Maria Jacinta do Monte, esposa do Tenente Antônio Januário Linhares
Alt.: 36cm
6. **Leque – Material: tecido bordado / madrepérola / cetim dourado**
Doador pelo Sr. Francisco Rodrigues Barbosa
Alt.: 29cm
7. **Quadro: 7a. Grampo de Chapéu – Séc. XIX – Estilo Neoclássico**
Material: prata / metal / pedra azul
Alt.: 14,5cm / diâm.: 4cm
7b. Grampo de Chapéu – Séc. XIX – Estilo Neoclássico
Material: metal prateado / pedra vermelha
Larg.: 4,5cm / comp.: 19cm
7c. Colar – Séc. XIX – Material: fios de cabelo humano e ouro
Estilo Neoclássico
Procedência: Sra. Abigarina Ferreira Gomes (Sobral)
Comp.: 19cm
7d. Pulseira – Séc. XIX – Estilo Neoclássico
Material: fios de cabelo humano e metal dourado
Procedência : Sra. Abigarina Ferreira Gomes - Sobral

Comp.: 8cm

8. **Pente** – Séc. XIX – Material: imitação de casco de tartaruga, ornado por quatro folhas de parreira, vazadas, com cinco dentes
Procedência: São Luís - Maranhão (Coleção Osvaldo Soares)
Alt.: 21cm / comp.: 13,5cm
9. **Pente** – Séc. XIX – Estilo Neoclássico / Eclético
Material: metal / pedras / fundição
Procedência: São Luís - Maranhão (Coleção Osvaldo Soares)
Alt.: 15cm / larg.: 19cm
10. **Pente** – Séc. XIX – Estilo Neoclássico/Eclético/Dom João VI
Material: casco de tartaruga e metal dourado/guarneado com ouro português trabalhado
Procedência: São Luís - Maranhão (Coleção Osvaldo Soares)
Alt.: 13,2cm
11. **Bengala** - Séc.: XIX - Utilitária - Cabo curvado em prata ornado com reserva de flores e folhas
Material: Madeira, prata / torneada, cinzelada e repuxada
Estilo: Neoclássico
Alt.: 90cm / larg.: 9,3cm
12. **Bengala** - Séc.: XIX - Estilo Neoclássico
Material: metal dourado repuxado / torneado / madeira / prata
Cabo em metal dourado finalizado por face de cachorro
Estilo: Neoclássico
Alt.: 91cm / larg.: 11cm
12a. *Detalhe*
13. **Bengala** - Séc.: XIX - Utilitária - Cabo arqueado em metal dourado, ornado com reservas em rendilhado, rocalha, ramagens e folhas. Haste de madeira envernizada
Alt.: 88cm / larg.: 10,8cm

COLEÇÃO PINTURA

1. **Coronel Joaquim Ribeiro da Silva** – Óleo sobre tela – Séc. XIX (1858)
Retrato Acadêmico - Autor: Bindseil – Pintor alemão que permaneceu no Brasil no final do século XIX
Alt.: 2m21cm / larg.: 1m34cm
2. **Dom José Tupinambá da Frota** – Óleo sobre tela – Séc. XX (1957)
Retrato Acadêmico - Autores: Casal Makk (Húngaros)
Alt.: 1m23,3cm / larg.: 98cm
3. **Paisagem "Os Vaqueiros"** – Séc. XX (1952) – Óleo sobre tela - Estilo Naturalista
Autor: Pedro Frutuoso do Vale (sobralense)
Alt.: 95,6cm / larg.: 85,7cm
4. **Dr. Júlio de Albuquerque Barros "Barão de Sobral"** – Óleo sobre tela – Séc. XIX
Estilo Acadêmico – Autor: J.G. Lopes
Procedência: Recife
Alt.: 77,9cm / larg.: 37,5cm
5. **Senador Francisco de Paula Pessoa** – Óleo sobre tela – Séc. XIX
Retrato Acadêmico - Autor: Bindseil
Alt.: 84,5cm / larg.: 67,5cm
6. **Lagoa da Fazenda** – Óleo sobre tela – Séc. XX (1957)
Estilo Naturalista - Autores: Casal Makk (Húngaros)
Alt.: 90cm / larg.: 1m18cm
7. **Paisagem "Jericoacoara-CE"** – Óleo sobre tela – Séc. XX
Estilo Naturalista – Autor: Pedro Frutuoso do Vale (sobralense)
Alt.: 51,2cm / larg.: 64cm
8. **Menina de Verde** – Óleo sobre tela – Séc. XIX – Retrato Acadêmico
Procedência: Maranhão - Autor: Bindseil
Alt.: 1,38m / larg.: 1,1m

COLEÇÃO FOTOGRAFIA

1. **Vicente Alves de Paula Pessoa** (Senador) e família - Séc. XIX
2. **Coronel Ernesto Deodéciano de Albuquerque** (1841-1922) - Fundador da fábrica de Tecidos de Sobral (1895) e Vice-presidente do Estado do Ceará (1896-1900)
3. **Praça do Mercado** (1905) - Atual Praça Dr. José Saboya - Coluna da Hora
4. **Dom José** - Congresso das Vocações Sacerdotais de 1955 - Sobral
5. **Félix Nadar** (Fotógrafo) - França - Séc. XIX
6. **Émile Littré** (Filósofo) - Séc. XIX - Fotografia de Félix Nadar
7. **Maria Soledade Miranda Pessoa** (Sinhá Saboya) e sua irmã Pudenciana (Final do século XIX)
8. **Flagelados da seca do Ceará** (1877-1878)
9. **Padres** - Daguerreótipo (chapa metálica) (1860)
10. **Casas** - Praça da Matriz (1760)
11. **Congresso Eucarístico** - Altar Monumento, vendo-se ao fundo a antiga Igreja de São Francisco - Sobral (1941)
12. **Congresso das Vocações Sacerdotais** - Altar Monumento, Praça Duque de Caxias - Sobral (1955)

COLEÇÃO ARMARIA

1. **Espada** – Séc. XIX - Função: Cortesia
Material: metal branco / couro – Armas da República
Larg.: 11,5cm(guarda) / comp.: 1,06m
2. **Espada** – Séc. XIX – Função: Ofensiva
Material: metal / madeira / fio de seda / arame - Origem: Alemanha
Larg.: 11,4cm (guarda) / comp.: 93cm
3. **Bacamarte** – Séc. XIX – Função: Ofensiva
Material: bronze / madeira / ferro
Comp.: 1,03m / diâm.: 3,5cm
4. **Sabre** – Função: Ofensiva – Material: metal/madeira
Larg.: 15cm(guarda) / comp.: 92,5cm
5. **Espada** – Função: Ofensiva – Material: Metal dourado / trabalhado / madeira
Larg.: 12cm(guarda) / comp.: 92cm
5a. *Detalhe*
6. **Espada** – Séc. XIX – Função: Ofensiva
Material: metal dourado / branco / madeira
Friso com palmetas, emblema do Império PII, cabeça de leão
Larg.: 12cm(guarda) / comp.: 96,3cm
7. **Espadim** – Função: Adorno
Material: metal dourado / madeira / madrepérola
Larg.: 10,8cm(guarda/cruz) / comp.: 84cm
7a. *Detalhe*
8. **Espadim** – Séc. XIX – Função: Adorno
Material: metal dourado / madeira / madrepérola
Larg.: 11,2cm / comp.: 69cm
8a. *Detalhe*
9. **Punhal Turco** – Séc. XIX - Função: Ofensiva
Material: bronze banhado a ouro / marfim
Larg.: 5,5cm(cruzeta) / comp.: 29,8cm
9a. *Bainha*
10. **Florete** - Séc. XVIII - Função: Esporte: esgrima
Material: madeira, couro, fundição e molde.
Comp.: 107cm
11. **Espadim** - Séc. XVIII - Função: cortesia
Material: aço inoxidável, madeira, couro, fundição e molde
Comp.: 52cm / larg.: 10cm
11a. *Detalhe*

5d. **Tanga** – Material: sementes / pena / tecido
 Etnia: Wai-Wai – Origem: Pará
 Larg.: 30cm / comp.: 29cm.

COLEÇÃO ARQUEOLOGIA

1. **Pedras Sagradas dos Incas:**
 - 1a. **Lua** - Material: Quartzo - Aquisição: 1926
 Procedência: São Benedito-CE
 Alt.: 14cm / diâm.: 40cm
 - 1b. **Sol** - Material: Quartzo - Aquisição: 1926
 Procedência: São Benedito-CE
 Alt.: 13cm / diâm.: 29cm
2. **Alguidar** – Material: Cerâmica
 Procedência: Sobral - Fazenda Várzea da Pedra - Aquisição: 1965
 Doação: Prof. José Ferreira Portela e Pe. José Inácio Mendes Parente
 Alt.: 17cm / larg.: 38 / comp.: 51cm
3. **Pedras Polidas do Período Neolítico**
 (cerca de 3,5 Milhões de Anos)

COLEÇÃO PALEONTOLOGIA

1. *Gryllidae* (**grilo fóssil**)
 Idade: Cretáceo (cerca de 120 Milhões de Anos)
 Procedência: Nova Olinda - CE
 Unidade Geológica: Formação Santana
2. *Blattodea* (**barata fóssil**)
 Idade: Cretáceo (cerca de 120 Milhões de Anos)
 Procedência: Nova Olinda - CE
 Unidade Geológica: Formação Santana
3. ***Dastilbe elongatus* Silva Santos, 1947**
 Idade: Cretáceo (cerca de 120 Milhões de Anos)
 Procedência: Chapada do Araripe
 Unidade Geológica: Formação Santana
4. ***Toxodon* Owen, 1840 (fragmento de mandíbula)**
 Idade: Pleistoceno (cerca de 10 Mil Anos)
 Procedência: Fazenda Maurício (Sobral-CE)
 Unidade Geológica: Depósito de Tanque
5. ***Notelops brama* (Agassiz), 1901**
 Idade: Cretáceo (cerca de 100 Milhões de Anos)
 Procedência: Chapada do Araripe
 Unidade Geológica: Formação Santana

COLEÇÃO NUMISMÁTICA

- 1 e 2. **Carimbo Coroado**
 Brasil Colônia - Marca aplicada em 1642, por ordem de D. João IV, sobre moedas portuguesas e hispano-americanas que circulavam no Brasil.
3. **Dom José I** – 600 Réis
 Conhecidas como “série J” por trazerem gravadas a inicial do rei D. José I, essas moedas circularam na região das minas para comprar ouro em pó, entre 1750 a 1777.
4. *Reverso*
5. e 6. **Makuta 1** - África-Portuguesa - 1814
 Não pertencem a coleção brasileira. Foram cunhadas no Rio de Janeiro para

5d. **Tanga** – Material: sementes / pena / tecido
 Etnia: Wai-Wai – Origem: Pará
 Larg.: 30cm / comp.: 29cm.

COLEÇÃO ARQUEOLOGIA

1. **Pedras Sagradas dos Incas:**
 - 1a. **Lua** - Material: Quartzo - Aquisição: 1926
 Procedência: São Benedito-CE
 Alt.: 14cm / diâm.: 40cm
 - 1b. **Sol** - Material: Quartzo - Aquisição: 1926
 Procedência: São Benedito-CE
 Alt.: 13cm / diâm.: 29cm
2. **Alguidar** – Material: Cerâmica
 Prodecência: Sobral - Fazenda Várzea da Pedra - Aquisição: 1965
 Doação: Prof. José Ferreira Portela e Pe. José Inácio Mendes Parente
 Alt.: 17cm / larg.: 38 / comp.: 51cm
3. **Pedras Polidas do Período Neolítico**
 (cerca de 3,5 Milhões de Anos)

COLEÇÃO PALEONTOLOGIA

1. *Gryllidae* (**grilo fóssil**)
 Idade: Cretáceo (cerca de 120 Milhões de Anos)
 Procedência: Nova Olinda - CE
 Unidade Geológica: Formação Santana
2. *Blattodea* (**barata fóssil**)
 Idade: Cretáceo (cerca de 120 Milhões de Anos)
 Procedência: Nova Olinda - CE
 Unidade Geológica: Formação Santana
3. ***Dastilbe elongatus* Silva Santos, 1947**
 Idade: Cretáceo (cerca de 120 Milhões de Anos)
 Procedência: Chapada do Araripe
 Unidade Geológica: Formação Santana
4. ***Toxodon* Owen, 1840 (fragmento de mandíbula)**
 Idade: Pleistoceno (cerca de 10 Mil Anos)
 Procedência: Fazenda Maurício (Sobral-CE)
 Unidade Geológica: Depósito de Tanque
5. ***Notelops brama* (Agassiz), 1901**
 Idade: Cretáceo (cerca de 100 Milhões de Anos)
 Procedência: Chapada do Araripe
 Unidade Geológica: Formação Santana

COLEÇÃO NUMISMÁTICA

- 1 e 2. **Carimbo Coroado**
 Brasil Colônia - Marca aplicada em 1642, por ordem de D. João IV, sobre moedas portuguesas e hispano-americanas que circulavam no Brasil.
3. **Dom José I** - 600 Réis
 Conhecidas como "série J" por trazerem gravadas a inicial do rei D. José I, essas moedas circularam na região das minas para comprar ouro em pó, entre 1750 a 1777.
4. *Reverso*
- 5 e 6. **Makuta 1** - África-Portuguesa - 1814
 Não pertencem a coleção brasileira. Foram cunhadas no Rio de Janeiro para

circular nas colônias da África Portuguesa: Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe - D. João VI

7. **D. João VI - 1815** - Reino Unido
8. *Reverso*
9. **Joannes - D. João VI** - 1821 - 20 Réis
10. **D. João VI** - Reino Unido de Portugal e Algarves - 20 Réis
11. **MARIA I D. G. PET. BRASIL REGES** - 1786
12. *Reverso*
13. **PETRUS II D. G. C. IMP. E PERP. BRAS. DEF.**
Efigie do Imperador D. Pedro II
Circulou durante o Império, 1868
14. *Reverso* - Brasão do Império - 2000 Réis
15. **ORDEM E PROGRESSO** - Moeda republicana - 2000 Réis
16. **REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**
Efigie da República
17. **PETRUS II D. G. C. IMP. E PERP. BRAS. DEF.**
Efigie de D. Pedro II - 1837 - Nos diferentes tipos de moedas de ouro, pode-se observar o Imperador retratado como criança, adulto e ancião.
18. Carimbos particulares em cobre, utilizados no Império com diferentes marcas, letras e valores em réis surgidos pela diminuição de moedas no final do império. Somente a partir de 1901, quando surgiam os "Níqueis", foram suspensos
19. **Moeda comemorativa do Centenário da Abolição** - 1888/1989 - 100 cruzados
20. *Reverso*

Bibliografia

ARAÚJO, Pe. Sadoc de. Cronologia Sobralense. Vol. II, 1801-1840.

Imprensa Universitária – UVA. Sobral-CE. 1979.

ATTERBURY Paul e THARP Lars. Enciclopédia Ilustrada de Antigüidades. 2ª Edição, Editorial Estampa Ltda., 1996.

Banco do Brasil – Museu e Arquivo Histórico. Cédulas Brasileiras da República – Emissões do Tesouro Nacional, Rio de Janeiro, 1965.

BARROSO, Gustavo. Noções de Indumentária. In: Introdução à Técnica de Museus. Vol. II, p. 281-282.

BARROSO, Gustavo. Noções de armaria. IN: introdução à Técnica de Museus. Vol.II, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 1953, p.118.

BARROSO, Gustavo. Introdução à Técnica de Museus. Vol. II, M.H.N., 1947, p. 133-135.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. 3ª ed. – Rio de Janeiro: José Olímpio, 1990.

CAMPOFIORITO, Quirino. História da pintura brasileira no século XIX. Rio de Janeiro, Edições Pinakothke, 1983.

CONLAY, Íris e ANSON, F. Peter - A arte na Igreja - Ed. RENES - Rio de Janeiro (s/d).

Catálogo do Museu de São Roque - Lisboa (s/d).

CIRLOT, J. Eduardo. Dicionário de Símbolos. Ed. Moraes, São Paulo, 1984, p.525.

DAMEACENO, Sueli. Glossário de Bens Móveis (Igrejas Mineiras). UFOP/IAC: Ouro Preto, 1987, p. 06.

EDUARDO, Paulo. História do Dinheiro no Brasil (s/d).

FERREZ, H. Dodad e BIANCHINI, Helena – THESAURUS – para acervos museológicos – Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória, Ministério da Cultura, 1987.

FLEMING, John e HONOUR, Hugh. Diccionario de las artes decorativas. Madrid: Alianza Editorial, 1987, p.147

FROTA, D. José Tupinambá da. História de Sobral. 2ª ed. Editora Henriqueta Galeno, Fortaleza- CE, 1974.

LAYER, James. De 1800 a 1850. A roupa e a moda. São Paulo: Com. das Letras, p.161.

LEBRAM, Florence. O leque no Brasil. 4 p., 2001 (texto manuscrito).

LEITE, José Roberto Teixeira. Acerca dos leques comemorativos feitos na China para Portugal e Brasil. O leque: seu tempo e sua linguagem. Bahia: SEC, 1995, Catálogo do Museu de Arte da Bahia.

LIRA, Pe. João Mendes. Subsídios para a História Eclesiástica e Política do Ceará. Companhia Brasileira de Arte Gráficas. Rio de Janeiro, 1984.

circular nas colônias da África Portuguesa: Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe - D. João VI

7. **D. João VI - 1815** - Reino Unido
8. *Reverso*
9. **Joannes - D. João VI** - 1821 - 20 Réis
10. **D. João VI** - Reino Unido de Portugal e Algarves - 20 Réis
11. **MARIA I D. G. PET. BRASIL REGES** - 1786
12. *Reverso*
13. **PETRUS II D. G. C. IMP. E PERP. BRAS. DEF.**
 Efigie do Imperador D. Pedro II
 Circulou durante o Império, 1868
14. *Reverso* - Brasão do Império - 2000 Réis
15. **ORDEM E PROGRESSO** - Moeda republicana - 2000 Réis
16. **REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**
 Efigie da República
17. **PETRUS II D. G. C. IMP. E PERP. BRAS. DEF.**
 Efigie de D. Pedro II - 1837 - Nos diferentes tipos de moedas de ouro, pode-se observar o Imperador retratado como criança, adulto e ancião.
18. Carimbos particulares em cobre, utilizados no Império com diferentes marcas, letras e valores em réis surgidos pela diminuição de moedas no final do império. Somente a partir de 1901, quando surgiam os "Níqueis", foram suspensos
19. **Moeda comemorativa do Centenário da Abolição** - 1888/1989 - 100 cruzados
20. *Reverso*

MACHADO, Paulo Affonso de Carvalho. Antigüidades Brasileiras. José Álvaro, Editor S. A. Rio de Janeiro, 1965.

MARTIN, Mons. Vicente. Homens e Vultos de Sobral, 2ª Ed. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, Stylus Comunicações, 1989.

MENDEZ, Jorge Saavedra. Diecionario Completo de las Marcas de Ceramicas. Ediciones, Buenos Aires:1948.

MEGALE, Nilza Botelho. 107 Invocações da Virgem Maria no Brasil. Ed. Vozes, Petrópolis, 1980.

OLIVEIRA, Álvaro de Salles. Moedas do Brasil, Vol. I, Moedas e Barras de Ouro, São Paulo, 1944.

PROBER, Kurt. Catálogo das Moedas Brasileiras, Vol. X, Rio de Janeiro, 1960.

REAL, Regina. Dicionário de Belas Artes. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, Vol. I, p.256.

ROIG, Juan. Iconografia de los Santos. Ediciones Omega, Barcelona, 1950.

REIS, Cláudia Barbosa. Indumentária - Museu Casa de Rúi Barbosa, Rio de Janeiro, 1999.

RIBEIRO, Osvaldo Gouveia e equipe. Inventário e Catalogação do Acervo do Museu Dom José, 2002.

SANTOS, José de Almeida. Manual do Colecionador Brasileiro. Livraria Martins Editora. S.P., 1950.

TAVARES, Campos Jorge- Dicionário dos Santos - Editora Lello & Irmãos - Porto (s/d).

TEIXEIRA, Luís Manuel. Dicionário Ilustrado de Belas Artes. Editorial Presença, Lisboa, 1985, p.59 e 89.



Museu Dom José
Av. Dom José, 878 - Sobral - Ceará - Brasil
CEP: 62010-290 - Fone: (88)3611.3525
museudjsobral@oi.com.br